

Educação Física. Os times foram divididos em Botafogo, Palmeiras, Corinthians, Cruzeiro, Fluminense e Flamengo, com dois turnos de cinco rodadas cada um, e cada rodada tinha três jogos. Sócrates narra o desempenho dos jogadores, as expulsões, a atuação dos juizes e o comportamento dos torcedores. Os ex-alunos sempre elogiam a atuação do professor de Educação Física, que era participativo e suas aulas eram dirigidas. A figura 17 apresenta o rascunho do Informativo Esportivo feito no caderno de Moral e Cívica. O documento contém sete páginas, foram selecionadas duas: a capa, que traz a apresentação do informativo, e a quarta página que narra uma partida do campeonato.

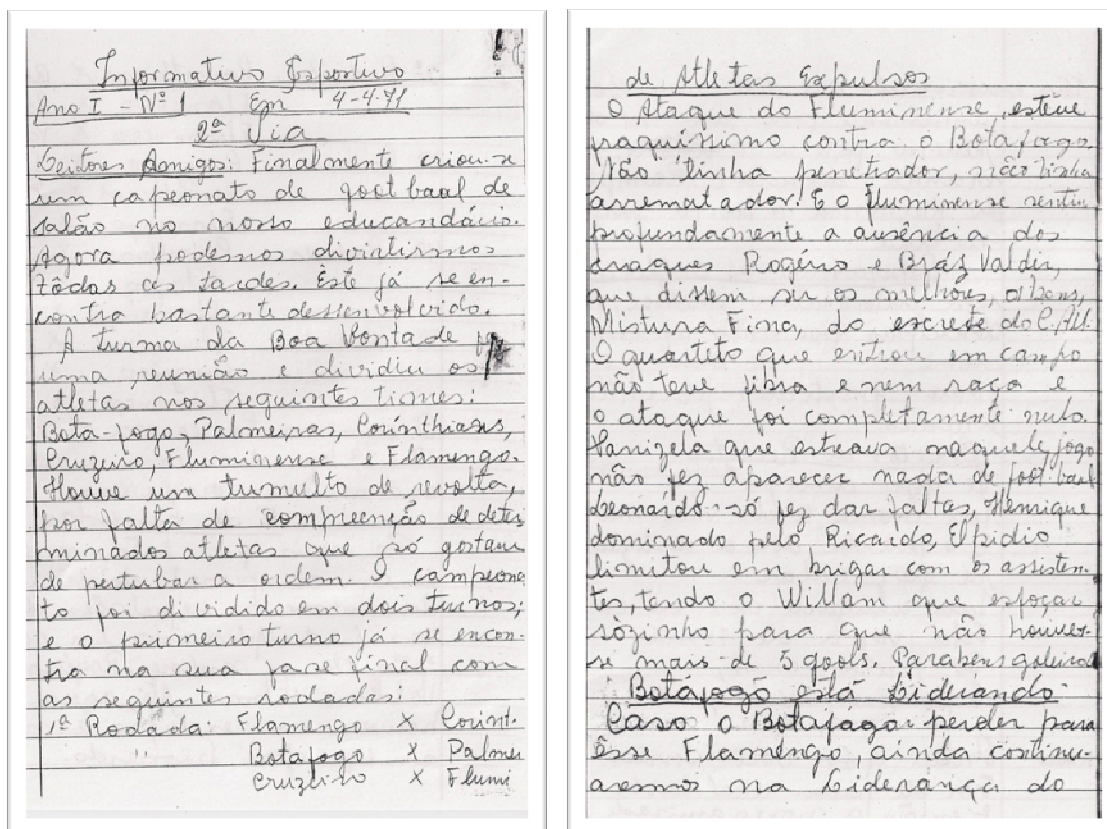


Figura17: Rascunho do Informativo Esportivo criado pelos alunos, 1971.

Fonte: Caderno de Moral. Arquivo Pessoal – Sócrates Martins Souza.

Outra iniciativa dos alunos da primeira e da segunda turma foi a criação, no ano de 1970, do jornal “O C.A.U.”, publicado mensalmente com a supervisão do professor de Português, Walter da Silva Leite. Foram produzidas apenas duas edições, segundo os ex-alunos, o motivo decorreu da falta de ajuda financeira. Eram publicadas notícias sobre o setor agrícola, tanto pesquisadas pelos alunos como reproduzidas do jornal

Correio de Uberlândia, como as seguintes: O consumo mundial de adubos é ainda inferior à oferta; Alimentação de suínos I; Soja perene equilibra a deficiência de proteínas das pastagens; Aftosa é praga no rebanho; Queimadas, o grande problema. O jornal também era um espaço para fazer homenagens, apresentação dos aniversariantes do mês, notícias do Colégio, poesias e pensamentos, ainda havia uma página recreativa com palavras cruzadas e piadas.

A primeira edição do jornal trazia na capa um pedido de apoio político ao Governador Rondon Pacheco, redigido pelo aluno Geraldo José Murta, vice-presidente do Centro Cívico:

[...] O Governador Rondon Pacheco, com seus ponderados e firmes pronunciamentos é merecedor da confiança nossa e de todos aqueles que querem ver o nosso querido Estado de Minas Gerais, brilhando no concêrto dos Estados. Hão de convir conosco que, sòmente acatando as metas de seu govêrno e trabalhando para que elas se realizem, seremos felizes. Rondon fará a felicidade de seus irmãos mineiros e triangulinos (O C.A.U., 1970, p. 1).

Os alunos e funcionários do Colégio Agrícola de Uberlândia o consideravam responsável pela criação da instituição. Como foi apresentado no segundo capítulo, o Governador Rondon Pacheco, na época Deputado Federal, foi uma figura relevante no processo de criação do Colégio. Dessa forma, ele estava sempre sendo homenageado, e receberam o seu nome o Centro Cívico e a turma de formandos de 1972.

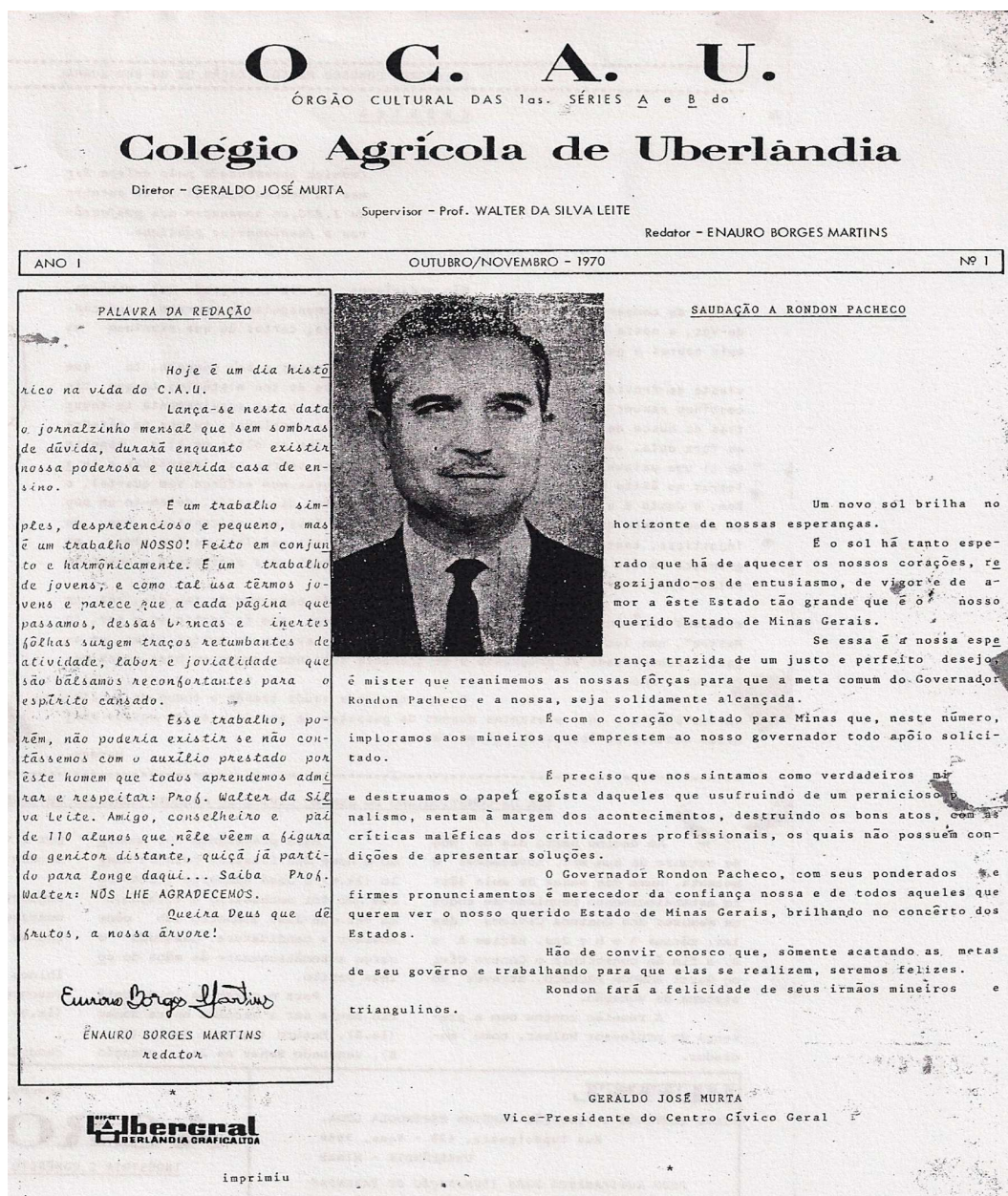


Figura 18: Capa da primeira edição do jornal “O C.A.U.”, 1970.
Fonte: Instituto Federal do Triângulo Mineiro – Campus Uberlândia.

Pela análise dos cadernos, as aulas teóricas eram baseadas na cópia, cada informação era detalhadamente copiada. Não há exercícios no caderno, não há anotação ou correção pelo professor, apenas reprodução da teoria. Uma das formas de avaliação era por meio de projetos, porém há somente relatos destes. O entrevistado (E3) conta como eram realizados:

[...] tinha um tal de LPP, Laboratório de Prática de Produção que era os projetos da escola onde o aluno trabalhava pra escola, aprendendo, lá ele podia fazer, por exemplo, se fosse arar uma terra, se fosse fazer um plantio, ele podia errar que era consertado e tinha o PAO,

Programa Agrícola Orientado que era um projeto desenvolvido pelo aluno, ali ele não podia errar porque era o dele ali, hora que ele colhia o projeto, fazia a comercialização através da cooperativa e o lucro era dividido, rateado entre os participantes do grupo.

Houve projetos de frango de corte, cultivo de arroz, feijão, algodão e milho. Os alunos recebiam orientação dos professores ao longo da execução do projeto e o resultado final era colhido e comercializado, o lucro ficava inteiramente com o grupo. A comercialização desses produtos acontecia por intermédio da Cooperativa Escolar do Colégio Agrícola de Uberlândia, fundada em 1969, pela iniciativa de um grupo de alunos por meio da orientação do professor de Mecânica Agrícola, Pio Vanderley. Tinha a finalidade de explorar a área do Colégio, destinando parte da produção à própria subsistência dos alunos, e a sobra era vendida, com a distribuição da receita entre os associados (O C.A.U, 1970).

Essa cooperativa escolar não só fornece material escolar e objetos de uso pessoal por preços justos. Realiza-se também [...] um sistema de projetos que, além de dar extraordinária dose de experiências práticas sobre agricultura, pecuária, contabilidade agrícola, e cooperativismo aos seus participantes, que são seus objetivos principais, possibilita, por outro lado, o proveito econômico que é resultado líquido extraído dos produtos, que atua como estímulo para os que dela participam (Ibid., p. 5).

O quadro 12 apresenta os conteúdos do restantes das disciplinas de Cultura Geral ministradas no Colégio.

MATEMÁTICA	CONTEÚDO
1ª SÉRIE	Retas paralelas e perpendiculares; Retas que passam por um ponto; Retas que passam por dois pontos; Equação linear aplicada a função quadrática; Soma das raízes e produto em relação ao coeficiente da equação de primeiro grau; Composição de equações; Funções; Função linear; Função (coeficiente angular e linear); Introdução ao conceito de relações; Relações; Conjunto N, Z, Q e R; Teoria dos conjuntos; Fórmula de Verner e transformação da soma em produto; Funções tangente de x, cotangente de x, secante de x e cossecante de x, relações básicas; Função seno e cosseno e propriedades; Cosseno e seno de arcos de 30°, 45° e 60° $\cos(\alpha - \beta)$, $\cos(\alpha + \beta)$; Função quadrática aplicada à física; Função trigonométrica; Problemas de cinemática; Estudo das variações do trinômio; Decomposição do trinômio em fatores do primeiro grau; Estudo das variações do trinômio do segundo grau; Máximos e mínimos; Retas paralelas e perpendiculares; Reta que passa por um ponto; Reta que passa por dois pontos; Equação linear aplicada a física; Função quadrática; Soma e produto das raízes em relação aos coeficientes da equação do segundo grau; Composição da equação do segundo grau.
2ª SÉRIE	Introdução a geometria; Superfícies (noções gerais); Prismas (superfície prismática); Prismas (definições e classificações); Área lateral e área total de prismas retos e oblíquos; Cilindros – definições; Cilindro – como limite do prisma; Área lateral do cilindro; Área lateral do cilindro equilátero; Área total do cilindro; Área total do cilindro equilátero; Volume do cilindro; Volume do cilindro equilátero; Cones – definições; Área lateral e total do cone; Área lateral e total do cone equilátero; Volume do cone; Volume do cone equilátero; Esferas- definições; Introdução ao estudo da pirâmide; Definição e nome das linhas que constituem a pirâmide; Pirâmides – definições; Propriedades gerais da pirâmide; Pirâmide regular; Relação métrica na pirâmide regular; Área total da pirâmide regular; Volumes: pirâmide triangular e de uma pirâmide de base qualquer; Volumes: paralelepípedo retângulo, cubo e paralelepípedo reto; Volume de um prisma triangular; Volume de um prisma qualquer.
3ª SÉRIE	Triângulos retângulos; Progressão geométrica (definição); Fórmula do termo geral; Produto dos termos de uma progressão geométrica; Fórmula da soma dos termos de uma progressão geométrica; Progressão aritmética (introdução e definição); Classificação de progressão aritmética; Propriedade: média aritmética

	entre o termo precedente e o seguinte; Fórmula do termo geral; Dedução da fórmula dos demais elementos; Termos equidistantes dos extremos e a propriedade sobre a soma deles; Interpolação geométrica; Interpolação aritmética; Introdução ao estudo dos determinantes; Definição e noções elementares sobre matrizes; Definição determinante de ordem 2 e ordem 3; Teorema do resto (D'Alembert); Consequências do teorema do resto; Introdução à divisibilidade pelo método de Rufini; Divisibilidade de polinômios; Equação polinomial ou algébrica; Polinômio identicamente nulo; Grau de um polinômio; Princípio de identidade de polinômio; Exemplos de aplicação do método de Descartes – divisão de polinômios; Método de Chave; Definição e divisão de dois números complexos; Noções primitivas sobre conjuntos; Conjuntos iguais e conjuntos numéricos; Conjunto dos naturais e conjunto inteiros relativos; Conjunto dos racionais irracionais; Conjunto dos reais; Números imaginários e números complexos; Complexos conjugados.
BIOLOGIA	CONTEÚDO
1ª SÉRIE	Principais constituintes celulares; Classificação das estruturas celulares; Membrana celular – localização – características – funções; Transformações da membrana celular; Membrana plasmática; Permeabilidade da membrana plasmática – permeabilidade iônica; Continuação da permeabilidade da membrana plasmática – permeabilidade molecular; Citoplasma – introdução; Água – osmose; Sais minerais, ácidos aminados, proteínas, lipídeos; Ácidos nucleicos – organização físico-químico do protoplasma – colóides; Propriedades dos colóides; Métodos de estudo das células; A teoria celular; Importância da teoria celular; Histórias sobre as células – graus de visibilidade celular; Esquema sobre células: vegetal e animal; Ciclo da vida celular; Forma das células e continuação de ciclo da vida celular; Tamanho das células; Lei de Spencer; Lei de Driesch; Composição química do protoplasma; Introdução – água; Origem da vida – introdução – histórico; Abiogênese – Biogênese; Hipóteses da origem da vida; Diferenciação entre ser vivo e ser morto; Diferenciação entre animais e vegetais; Relações entre os seres vivos e o ambiente: adaptações morfológicas e fisiológicas; Relações entre seres vivos da mesma espécie; Relações entre seres vivos de espécie diferentes; Continuação da meiose; A importância do ácido desoxirribonucleico; Cromossomos: introdução, definição, estrutura, forma; Composição química; Número – tamanho; Tipos especiais de cromossomos; Divisão celular – introdução; Conceitos de mitose e meiose; Descrição da mitose; Meiose – introdução e esquema das fases; Vacúolos: típicos, pulsáteis, digestivos; Substâncias de reserva; Glicogênio; Amido; Amilodextrina; Dextrina; Óleos; Grãos de aleurona; Estudo do núcleo; Ocorrência; Forma; Posição no citoplasma; Número; Tamanho; Elementos constituintes do núcleo: nucléolo, cariolíngua, carioteca; Citoplasma diferenciado; Plastídeos; Descrição completa: cloroplastos; Fotossíntese; Mitocôndrias; Reticulo endoplasmático; Complexo de Golgi; Centro celular; Lisossomos
2ª SÉRIE	Reprodução – introdução; Características da reprodução assexuada; Tipos de reprodução assexuada; Caracteres gerais da reprodução sexuada; Gametas e cromossomos; Gametogênese; Ovulogênese; Espermatogênese; Óvulo – descrição e particularidades; Classificação dos óvulos de acordo com a quantidade de vitelo; Partenogênese; Pedogênese; Neotenia; Polienbrionia; Metagênese; Fertilização; Tipos de fecundação; Desenvolvimento embrionário; Histologia animal – tecido epitelial de revestimento; Histologia animal – tecido conjuntivo; Introdução de tecidos; Tecido animal; Tecido epitelial; Tecido epitelial de revestimento; Início de tecido epitelial glandular; Glândulas exócrinas; Glândulas salivares; Glândulas endócrinas; Histofisiologia glandular; Tecido conjuntivo – introdução; Substância intercelular; Tecido conjuntivo propriamente dito; Tecido cartilaginoso; Tecido ósseo; Substância intercelular; Sangue tecido muscular; Tecido neural; Zoologia – introdução; Protozoário; Metazoário – introdução; Classificação dos Mamíferos; Aves, classificação das aves; Répteis, peixes; Anfíbios; Classificação dos invertebrados; Plelmintos; Nematelmintos.
3ª SÉRIE	Núcleo interfásico; Generalidades; Histórico; Morfologia; Número; Ocorrência; Posições; Divisões; Origem; Tipos morfológicos; Estrutura microscópica e sua microscopia; Membrana nuclear; Nucleoplasma, cariótipos ou suco nuclear; Heterocromatina do sexo ou heterocromatina sexual; Grãos de cromatina; Estrutura sub-microscópica; Nucléolo; Estrutura microscópica; Estrutura sub-microscópica; Ciclo do nucléolo; Função do nucléolo; Composição química do nucléolo; Substâncias minerais; Substâncias orgânicas; Ácidos nucleicos; ADN; ARN; Composição físico-química do núcleo; Alterações nucleares após morte celular; Cromossomos; Forma, número, estrutura; Ciclo dos cromossomos; Cromossomos gigantes; Funções do núcleo; Patrimônio hereditário; Atividades celulares; Agentes causais; Agentes intermediários; Código genético do DNA; Fisiologia celular – introdução; O metabolismo e nutrição; Sugestão; Metabolismo ultra-celular; Alimentos; Cito morfose; Reprodução celular; Tipos de reprodução celular; Divisão direta; Mitose somática ou divisão indireta equacional; Divisão II; Prófase; Prometáfase; Metáfase; Anáfase; Telófase II; DNA e mitose reducional; Tipos de meiose; Genética; Hereditariedade e variação; Conceitos fundamentais; Genética: hereditariedade, caracteres sociológicos; Gene e localização; Tipos de dominância; Dominância total ou homozigoto; Absoluta, intermediária, evolutiva, irregular, sobre-dominância, pseudo-dominância; Simbolismo dos genes; Lei de Mendel; Histórico; Razões do sucesso de Mendel; Primeira Lei de Mendel; Retrocruzamento ou “test-cross”; Herança intermediária ou novo-hibridismo; Segunda Lei de Mendel; Enunciado; Experiência e conclusões; Poli-hibridismo; Heterose ou “vigor híbrido”; Pleiotropia; Gens ou fatores letais; Classificação; Ligação ou linkage ou vinculação; Permutação ou crossing-over; Mapas cromossômicos ou genéticos; Polimeria; Gens complementares; Gens de intensidade; Gens inibidores; Polialelia ou alelos múltiplos; Introdução; Cor de pelagem em coelhos; Cor dos olhos em drosophila; Grupos sanguíneos; Noções de antígeno e anticorpo; Aglutinação; Precipitação; Lise; Sistema ABO; Fenômeno da aglutinação; Transfusão de sangue; Determinação dos grupos sanguíneos; Secretores e não secretores; Importância do sistema ABO; Sistema MN – Ss; Fator Rh – Hr; Importância; Genética do Fator Rh; Probabilidade: Regra 1; Regra 2.
QUÍMICA	CONTEÚDO
1ª SÉRIE	Química – conceito – divisão – histórico – utilidade; Análise imediata; Análise elementar; Processos de separação de fases em misturas heterogêneas; Separação das espécies químicas constituintes das misturas homogêneas; Critérios de pureza; Propriedades gerais da matéria; Propriedades físicas organolépticas e químicas; Lei de Lavoisier; Lei de Proust; Fases; Misturas; Substâncias puras – simples e compostas;

	Elemento químico; Alotropia; Primeira classificação dos elementos; Primeira noção de átomo; Símbolos; Primeira noção de moléculas; Fórmulas: Fórmulas moleculares; Fórmula mínima; Fórmula iônica; Fórmula iônica cristalina; Fórmula estrutural (plana e espacial); Fórmula percentual; Reações químicas; Equações químicas; Primeiras noções sobre prótons, nêutrons e elétrons; Número de prótons – número atômico – número de massa; Introdução matemática; Matéria; Estado de agregação da matéria; Matéria e energia; Classificação da matéria ou classificação dos sistemas químicos – substâncias puras; Primeira noção de valência; Estados físicos da matéria; Pressão atmosférica; Cálculos estequiométricos; Determinação da fórmula empírica; Determinação da fórmula molecular; Determinação da fórmula percentual; Equivalente químico; Teoria atômica de Dalton; Interpretação das leis ponderais pela lei de Dalton; Leis volumétricas; Teoria molecular de Avogadro; Massa atômica e moléculas; Atomograma – molécula grama.
2ª SÉRIE	Ligação química; Ligação eletrovalente; Eletronegatividade; Ligação covalente; Ligações coordenadas; Propriedades; Número de oxidação; Nomenclatura – Hidretos e Óxidos; Nomenclatura – Ácidos; Nomenclatura – Bases e sais; Óxidos ácidos e óxidos básicos; Cálculos estequiométricos; Introdução; Soluções – conceituação; Soluções – solubilidade; Influências sobre a solubilidade; Cálculo do número de partículas de uma solução; Análise química; Análise qualitativa e quantitativa – conceituação; Soluções – concentração das soluções; Molaridade – normalidade; Titulometria; Equilíbrio químico e velocidade de reação; Princípio de Le Chatelier; Ionização da água; PH e POH.
3ª SÉRIE	Metais e ligações metálicas; Propriedades físicas e químicas; Mineração e metalurgia; Processos usados em metalurgia; Obtenção de alguns metais; Siderurgia; Ligas metabólicas; Classificação, métodos de preparação, propriedades principais das ligas; Tratamento térmico de alguns aços; Soluções: Soluções verdadeiras; Soluções coloidais; Classificação das soluções; Osmose, pressão osmótica e suas leis; Química orgânica; O carbono; Hidrocarbonetos; Petróleo; Destilação fracionada do petróleo, aplicações das frações; Hulha; Radioatividade; Descobertas da radioatividade; Leis de Soddy, Fajans e Russel; Constantes radioativas; Vida média, período de semi desintegração; Fusão nuclear; Atomístico; Princípio de exclusão de Pauli; Tabela Periódica.
FÍSICA	CONTEÚDO
2ª SÉRIE	Subdivisões da física; Conceito de força; Representação das forças por vetores; Medida de força dinamômetro; Princípio da estática; Princípio da ação e reação; Forças concorrentes; Cálculo da intensidade de duas forças concorrentes; Equilíbrio e condição de equilíbrio para forças concorrentes; Cinemática: movimento, conceito, velocidade e aceleração; Energia cinética; Energia potencial; Movimento circular; Velocidade tangencial; Velocidade angular; Velocidade relativa; Força centrípeta e centrífuga; Aceleração radial; Fórmula de Torricelli; Dinâmica: Lei de Newton, Gravitação Universal, peso, sistema de unidades; Posição de um ponto; Movimento em uma dimensão; Velocidade média escalar; Rapidez média; Momento de uma força; Forças paralelas; Condições de equilíbrio de um sistema de forças coplanares não concorrentes.
3ª SÉRIE	Corrente elétrica; Lei de ohm; Eletrostática – fundamentos; Lei de Colombo; Campo elétrico; Definição de potencial; Temperatura – dilatação; Dilatação dos líquidos; Dilatação linear; Superficial e volumétrica dos sólidos; Princípios fundamentais da hidrostática; Princípios fundamentais de Pascal; Hidrodinâmica; Equação de Bernoulli; Potência de recalque; Noções de eletricidade; Propriedade dos materiais; Dimensionamento a tração e flexão simples; Torque; Trabalho e energia; Potência; Quantidade de movimento
DESENHO	CONTEÚDO
1ª SÉRIE	Desenho geométrico; Estudo do ponto; Coordenadas positivas e negativas; Pontos simétricos; Abscissa – estudo da reta; Ponto pertencente a reta; Posições da reta; Reta frontal; Traço e reta; Visibilidade; Retas paralelas; Retas concorrentes; Retas de perfil – seus traços; Concorrência e paralelismo de retas de perfil; Pontos pertencentes a reta de perfil; Noções de desenho técnico.

Quadro 12: Conteúdo das disciplinas de cultura geral ministradas no CAU de 1969 a 1972.

Fonte: Diários de classe. IFTM – Campus Uberlândia.

Pode-se concluir que as disciplinas estavam voltadas para a formação de Técnicos em Agropecuária, os alunos recebiam instrução desde o plantio à criação de animais, até a fabricação e industrialização dos produtos, bem como as formas de administrar e contabilizar essa produção. Era um ensino com metodologia tradicional, se se considerarem as atividades desenvolvidas no caderno, tais como cópias e transcrições de alguns componentes teóricos, porém abrangente, pois os alunos estudaram, por exemplo, cada parte e função do corpo da vaca, tanto interna quanto externa, todas as raças de bovino existentes, todos os tipos de doenças e formas de tratá-las. Mesmo com instalações precárias no início do curso, os egressos afirmam que o ensino foi excelente e que a formação que receberam não se compara com a formação

dos técnicos de hoje, e todos que formaram conseguiram emprego rapidamente ou ingressaram no ensino superior logo na primeira tentativa. Este assunto será mais aprofundado quando for abordada a trajetória dos egressos.

No tópico seguinte, será realizada uma análise do perfil do corpo docente que atuou entre os anos de 1969 a 1972, traçando sua origem, forma de ingresso e sua formação para compreender quem eram e se estavam capacitados para ministrar as disciplinas designadas. Também, traçar-se-á o perfil dos alunos por meio da procedência, faixa etária e classe social. Buscou-se apreender os motivos que levaram esses alunos a ingressar na instituição e entender se o alunado recebido estava de acordo com as expectativas dos fundadores.

3.2. Perfil Docente e Discente

Com relação aos docentes, a Lei Orgânica do Ensino Agrícola define no Art. 63, alínea 2 que: “O provimento em caráter efetivo dos professores e dos orientadores dos estabelecimentos de ensino agrícola federais ou equiparados dependerá da prestação de concurso” (BRASIL, 1946). Porém as fontes revelam que, no Colégio Agrícola de Uberlândia, não foi isso o que aconteceu na prática. Em 1968, o jornal Correio de Uberlândia noticiou que o antigo Reitor do Colégio Estadual de Uberlândia fora convidado para organizar o corpo docente do Colégio Agrícola de Uberlândia:

O ilustre educador uberlandense prof. dr. Oswaldo Vieira Gonçalves está sendo encarregado da organização do corpo docente do estabelecimento, recrutando as melhores autoridades nas matérias que serão ministradas (COLÉGIO Agrícola, 1968, p. 3).

Esse artigo demonstra que não fora realizado um concurso para a triagem dos primeiros professores. Não se pode afirmar seguramente como ocorreu esta contratação, eles podem ter sido indicados, selecionados por meio de currículo ou participado de algum exame. O que se pode avaliar é que uma personalidade considerada destaque na vida cultural de Uberlândia foi incumbida de fazer esse trabalho, e isso pode ter sido uma forma da elite governante manter a ordem mediante a indicação, para dirigir a escola, de uma personalidade já conhecida, que poderia trabalhar em prol da defesa dos seus interesses.

Numa reportagem, publicada em agosto de 1970, a Diretora Neusa de Lima Nogueira convocava interessados para se inscreverem nas vagas de professores de Física e Matemática, como informou ao Correio de Uberlândia:

[...] os interessados em lecionar física e matemática poderão inscrever-se à rua Eduardo Marquez, 556, com a srta. Célia, devendo as provas de seleção realizar-se nos dias 21 e 22 do corrente constando de uma parte teórica, outra de problemas e uma didática (AULAS do Agrícola dia 1º de setembro, 1970, p. 1).

Houve uma prova para a seleção de professores para essas disciplinas, mas parece ter sido algo muito informal, pois a notícia era sobre o início das aulas que ocorreria no mês de setembro e foi apresentada apenas uma nota sobre as inscrições, inclusive a notícia foi publicada no dia 18 de agosto, e o exame aconteceria nos próximos dias 21 e 22. O jornal não publicou anteriormente nenhum edital ou notícia sobre a seleção.

Os primeiros professores foram contratados, em 1969, para as onze disciplinas da primeira série, e seus nomes foram publicados no Correio de Uberlândia:

Compõe o quadro de professores, cultura geral: Walter Leite da Silva (português); Sinclair Siminatti Côrtes (desenho); Antônio Carlos Meira (química); Francisco Pedro Nogueira (matemática); Neusa de Lima Nogueira (biologia); prática educativa e educação física, prof. Heitor F. P. Silva. No setor de cultura técnica, o Colégio Agrícola de Uberlândia mantém o seguinte quadro: Pio Vanderley de Almeida, técnica agrícola horticultura e mecânica agrícola; Luiz G. S. Magalhães, agricultura; Jesus Santos, laticínios; Eustáquio F. Santos, zootécnica (COLÉGIO Agrícola: uma grande escola técnica, 1969, p. 1).

A partir de 1970, outros professores deveriam ser contratados, pois, na segunda e terceira séries, havia novas disciplinas: Física, Economia Rural, Educação Artística e Moral e Cívica. Entretanto percebe-se que todos os professores nomeados em 1969 foram sendo substituídos ao longo dos três anos de curso, exceto o professor de Educação Física, Heitor Ferreira de Paula e Silva.

O primeiro Diretor do Colégio Agrícola de Uberlândia, após a sua inauguração em 1969, foi o Engenheiro Agrônomo Luis Gonzaga de Souza Magalhães, um Militar Reformado vindo do Rio Grande do Sul. Em julho de 1970, deixou o cargo para retornar ao seu estado. A diretoria foi assumida temporariamente pela sua Vice, Neusa de Lima Nogueira, natural de Piracicaba-SP, onde concluiu o curso de Engenharia Agrônoma. O coordenador do ensino Agrícola de Minas Gerais, Amaury Greco,

passou a responder pela diretoria do Colégio, em setembro de 1970, e, de acordo com o Correio de Uberlândia, a intenção era normalizar e reestruturar o seu quadro diretivo. Em março de 1971, o Engenheiro Agrônomo Armando de Souza Pereira assumiu, provisoriamente, a diretoria. Finalmente, em dezembro de 1971, a diretoria foi assumida por Luis Soares de Medeiros, que se manteve até o ano de 1973 (COLÉGIO Agrícola em dificuldade por verbas, 1970, p. 1; COLÉGIO Agrícola soluciona casos, 1970, p. 1; COLÉGIO Agrícola dispensa alunos por falta de verba, 1971, p. 1; COLÉGIO Agrícola tem novo diretor, 1971, p. 1).

Esse período de mudanças no quadro diretivo do Colégio foi marcado por constantes dificuldades financeiras, como apresenta o jornal Correio de Uberlândia. A primeira notícia que revelou essa situação foi publicada no mês de julho de 1970. O referido jornal afirma que apurou a ocorrência e constatou que o Colégio não recebia verba para sua manutenção desde dezembro de 1969 (COLÉGIO Agrícola em dificuldade por verba, 1970, p. 1). No ano seguinte, o jornal prosseguiu informando que o corpo docente e os funcionários administrativos não vinham recebendo inteiramente os seus vencimentos e que alunos seriam dispensados das aulas por falta de verba para a alimentação.

O eng. Armando de Souza Pereira informou que o estabelecimento vem passando por uma fase difícil e que está dispensando, provisoriamente, os alunos. Entidades locais vão se dirigir aos órgãos competentes, visando obter a liberação das verbas destinadas ao funcionamento do Colégio (COLÉGIO Agrícola dispensa alunos por falta de verba, 1971, p. 1).

Constata-se que o problema persistiu por, pelo menos, nove meses. Nesse período, os diretores do Colégio, juntamente com as personalidades políticas da cidade buscavam solucionar a questão. O Correio de Uberlândia noticiou em abril de 1971, que Brasília havia conseguido uma verba no valor de 400 mil dólares que seria concedida pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) para a ampliação e a complementação das instalações do Colégio Agrícola de Uberlândia (COLÉGIO Agrícola obteve 400 mil dólares do BID, 1971, p. 1).

Esse pode ser um dos motivos para as constantes mudanças de professores ao longo dos três anos do curso. Como mencionado, o único professor que se manteve nas três séries da primeira turma e permaneceu no Colégio até se aposentar foi o Heitor Ferreira de Paula e Silva de Educação Física. Segundo os egressos, ele era um professor

excelente, que gostava de sua profissão e do Colégio. “O primeiro professor nosso foi o Heitor [...] ele era muito apaixonado pelo Colégio [...] sempre gostou da escola, era um camarada saudável” (Entrevistado E2).

O quadro abaixo apresenta a relação dos professores que lecionaram no Colégio no período de 1969 a 1972.

Professor (a)	Naturalidade	Idade Ingresso	Formação/Instituição Ano de Conclusão	Disciplina Ministrada	Lecionou Série/Ano
Walter Leite da Silva	Pádua – RJ	46 anos	[...]	Português Moral e Cívica	1ª e 2ª séries 1969 a 1971 2ª série 1970-1971
Olga de Sousa Mota	Uberlândia-MG	25 anos	Línguas Faculdade de Filosofia da Universidade de Uberlândia/Uberlândia-MG (cursando 3º ano)	Português	3ª série 1971-1972
Adma Abrão	Cumari-GO	35 anos	Ciências Jurídicas e Sociais [...]	Moral e Cívica	3ª série 1971-1972
Francisco Pedro de Oliveira Nogueira	Fortaleza - CE	29 anos	Engenharia Mecânica Faculdade de Engenharia de Uberlândia/Uberlândia-MG (cursando 4º ano)	Matemática	1ª série 1969-1970
João Francisco Benini	Descalvado-SP	25 anos	Engenharia Mecânica Faculdade de Engenharia de Uberlândia/ Uberlândia-MG (cursando 5º ano)	Matemática	2ª e 3ª séries 1970-1972
Neusa de Lima Nogueira	Piracicaba - SP	27 anos	Engenharia Agrônoma Escola Superior de Agronomia de Piracicaba/Piracicaba-SP	Biologia	1ª e 2ª séries 1969-1971
Honório de Sousa Rosa	Bela Vista-MT	21 anos	Medicina Escola de Medicina e Cirurgia de Uberlândia/ Uberlândia-MG (cursando 3º ano)	Biologia	3ª série 1971-1972
Antônio Carlos Meira	Uberlândia-MG	24 anos	Engenharia Química Faculdade de Engenharia de Uberlândia/Uberlândia-MG (cursando 3º ano)	Química	1ª série 1969-1970
Paulo José de Moraes	[...]	[...]	[...]	Química	2ª série 1970-1971
Alfredo Issão Yamatogi	Monte Alto-SP	26 anos	Engenharia Mecânica Faculdade de Engenharia de Uberlândia/ Uberlândia-MG (cursando 5º ano)	Química	3ª série 1971-1972
Carlos Augusto de Oliveira	[...]	[...]	[...]	Física	2ª e 3ª séries 1970 a 1972
Sicclair Siminate Cortes	Floreal –SP	25 anos	[...]	Desenho	1ª série 1969-1970
Luiz Gonzaga de Souza Magalhães	São Luiz Gonzaga - RS	48 anos	Engenharia Agrônoma Universidade Federal de Santa Maria/Santa Maria-RS (1968)	Agricultura	1ª série 1969-1970
Mozart Caetano Nunes	Porteirinha-MG	25 anos	Técnico Agrícola [...]	Agricultura	2ª série 1970-1971
Jorge Teixeira Filho	[...]	[...]	[...]	Agricultura	3ª série 1971-1972
Eustáquio Ferreira dos Santos	São Gotardo - MG	26 anos	Engenharia Agrônoma Universidade Rural do Brasil – Escola Nacional de Agronomia/Itagui-RJ (1967)	Zootecnia	1ª série 1969-1970
Luiz Soares Medeiros	Bananeiras-PB	44 anos	Didática do Ensino Agrícola [...]	Zootecnia	2ª série 1970-1971
Antônio Edmar Teixeira de Holanda	Viçosa-AL	27 anos	Medicina Veterinária Escola Superior de Veterinária da Universidade Federal de Pernambuco/Recife-PE (1968)	Zootecnia	3ª série 1971-1972

Jésus de Souza Coelho	Silverânea-MG	31 anos	Técnico em Laticínios Instituto de Laticínio Cândido Tostes/Juiz de Fora-MG (1966)	Indústrias Rurais	1ª série 1969-1970
[...]	[...]	[...]	[...]	Indústrias Rurais	2ª série 1970-1971
Helvécio Marangon	Tocantins-MG	23 anos	Técnico Agrícola Filosofia Faculdade de Filosofia da Universidade de Uberlândia/Uberlândia-MG (1971)	Indústrias Rurais	3ª série 1971-1972
Pio Vanderlei de Almeida	São Joaquim - SC	25 anos	Técnico Agrícola Colégio Agrícola de Camboriu/Camboriu-SC (1967)	Mecânica Agrícola Horticultura	1ª série 1969-1970
Aldinei Pinheiro	Porteirinha-MG	23 anos	Técnico Agrícola Colégio Agrícola “Diaulas Abreu” Barbacena-MG Direito Faculdade de Direito da Universidade de Uberlândia/ Uberlândia-MG (cursando 2º ano)	Mecânica Agrícola	2ª série 1970-1971
Valter Pereira de Sousa	Canápolis-MG	28 anos	Engenharia Agrônômica [...]	Economia Rural	3ª série 1971-1972
Antônio Melo	Jequiriça-BA	54 anos	Regente Musical [...]	Educação Artística	3ª série 1971-1972
Heitor ferreira de Paula e Silva	Nova Ponte - MG	36 anos	Educação Física Universidade Católica de Minas Gerais – Escola de Educação Física/Belo Horizonte-MG (1964)	Educação Física	1ª a 3ª séries 1969 a 1972

Quadro 13: Relação dos professores (as) que lecionaram no período de 1969 a 1972.

Fonte: Diários de Classe, Ficha de relação de professores. IFTM – Campus Uberlândia.

Como se pode perceber, pelo quadro 13, boa parte desses professores ainda estavam cursando o ensino superior. As informações sobre o quadro de docentes dessa época estavam dispersas no arquivo da Escola, portanto, dos vinte e cinco professores que passaram pela primeira turma, não foram encontrados dados sobre a formação de dez deles.

Levando em consideração os quinze professores sobre os quais se tem informação, vemos que 46,7% deles não tinham concluído o curso superior, e sua formação não estava voltada para a docência. Observa-se que as faculdades que eles cursavam possibilitavam um emprego com uma melhor remuneração e localização, bem como maior prestígio na sociedade. O professor de Biologia, Honório de Souza Rosa, cursava faculdade de Medicina. Os professores de Matemática, Francisco Pedro de Oliveira Nogueira e João Francisco Benini e o de Química, Alfredo Issáo Yamatogi, cursavam Engenharia Mecânica, e outro professor de Química, Antônio Carlos Meira, Engenharia Química. O professor de Mecânica Agrícola, Aldinei Pinheiro, tinha formação de Técnico Agrícola, porém cursava Direito na Universidade de Uberlândia.

O Decreto nº 42.054, de 19 de agosto de 1957, regulamenta o registro de professores de disciplinas de cultura técnica e pedagógica dos estabelecimentos de ensino agrícola. Observa-se, pelo Art. 3º, que para as disciplinas de cultura técnica não se exigia ensino superior, bastava o professor possuir um curso técnico na área:

Art. 3º - Conceder-se-á registro definitivo de disciplinas de cultura técnica aos candidatos que apresentarem [...]: b) diploma de conclusão de curso de Agronomia, de Veterinária ou Agrotécnica, devidamente registrado (BRASIL, 1957).

Os professores de Mecânica Agrícola e Horticultura e o segundo professor de Agricultura possuíam o curso Técnico Agrícola, o segundo professor de Zootecnia tinha o curso de Didática do Ensino Agrícola, e o primeiro professor de Indústrias Rurais era Técnico em Laticínios.

A idade também pode ter influenciado nessa mudança de professores, dos vinte e cinco, tem-se informação da idade de vinte e dois deles. Tomando como referência o mês de janeiro para indicar a idade de ingresso, constata-se que 40,9% dos professores tinham idade entre vinte e um e vinte e cinco anos. A idade do restante dos professores variava entre 26 e 54 anos.

Um ex-aluno, que ingressou com vinte e cinco anos e se tornou professor do Colégio assim que terminou o curso e permaneceu até se aposentar, assegurou:

Nossa senhora... no segundo... no primeiro e segundo ano eu tive uns cinco ou seis professores de português. De física... porque aquilo ali era um verdadeiro deserto, era estrada de chão, não tinha condução, quando não era poeira era barro, pagava-se bem, mas ninguém queria ir trabalhar lá, inclusive os professores, não tinha um professor formado em professor, eram todos estudantes da UFU, professor de física, de química, de biologia, não a professora de biologia que foi professora dois anos, a Neusa, ela era formada em Agronomia e Biologia, eu acho que em Piracicaba, um negócio assim, mas assim em desenho, matemática era tudo estudante da UFU. Não eram nem formados, de português era estudante da UFU. Era novo, tava formando e ninguém queria. Aquela galeria dos diretores lá, o tanto de diretor que já veio, ninguém queria saber daquilo não, lá era um verdadeiro deserto [...]. Não parava professor, não parava aluno, não parava funcionário e aquela confusão e todo dia trocava de professor, porque ninguém queria saber, diretor ficava lá dois três meses e ia em Brasília e pedia demissão e saía [...] (Entrevistado E3).

Como o ex-aluno, entrevistado (E3), se tornou professor logo que se formou, no ano de 1972, ele presenciou a realidade tanto do aluno como do professor. Ele residia no Colégio, mas a maioria dos professores tinha de se deslocar todos os dias cerca de

quarenta quilômetros, e boa parte do trajeto era feito em estrada de terra. Como foi mencionado anteriormente, os professores eram jovens e a formação, muitas vezes, não correspondia à disciplina ministrada e ainda tinham a possibilidade de conseguir um emprego mais valorizado na sociedade e com maior remuneração. Todos esses fatores puderam contribuir para essa constante troca de professores. A quantidade de alunos desistentes também foi grande, a distância, a precariedade do transporte e o isolamento podem ter sido motivadores dessas evasões, mas esse assunto será mais aprofundado no próximo tópico.

O Colégio possuía apenas três residências para os professores, ou seja, a maioria deles tinha que retornar para a cidade todos os dias. Se o professor não tinha carro próprio, havia uma Kombi que os transportava diariamente da cidade à escola. O critério de seleção, para a ocupação das referidas casas, priorizava aqueles professores que vinham de outras cidades e ainda não possuíam residência em Uberlândia.

Dos vinte e dois professores de cuja procedência se têm dados, apenas dois eram naturais de Uberlândia-MG. Havia professores dos mais diversos estados: Rio de Janeiro, Goiás, Ceará, São Paulo, Mato Grosso, Rio Grande do Sul, Paraíba, Alagoas, Santa Catarina, Bahia e várias cidades do estado de Minas Gerais.

Mas, quando ingressaram no Colégio Agrícola, muitos tinham cursado ou estavam cursando faculdade na cidade, disso se pode concluir que eles já moravam na cidade quando foram contratados. Dos quinze professores sobre os quais há dados do local de sua formação, verifica-se que 53,4% deles cursaram ou estavam cursando faculdade em Uberlândia-MG.

No que se refere aos discentes, não foi encontrado documento algum que comprovasse, exatamente, a quantidade de vagas que fora oferecida para a 1ª turma, apenas uma notícia do jornal Correio de Uberlândia foi encontrada e nos leva a acreditar que foram abertas sessenta vagas. Uma carta escrita pelo Diretor Luiz G. S. Magalhães ao jornal, referindo-se às condições do estabelecimento para o início do ano letivo, relatava: “Ao longo deste diálogo [...] falar-te-ei de nossa situação atual, dos meios que dispomos para receber uma turma de 60 alunos já em agosto próximo [...]” (COLÉGIO Agrícola de Uberlândia, 1969).

Para ingressar no Colégio, era necessário fazer um exame de seleção, que contava com prova de Português e de Matemática, valendo dez pontos cada uma, baseado no conteúdo do ciclo ginásial. Para ser aprovado, o candidato deveria tirar uma

média de 60%, conforme está registrado na ficha de matrícula dos alunos. Verifica-se que o Colégio estava consoante com as normas estabelecidas pelo Art. 26, alínea III da Lei Orgânica do Ensino Agrícola, que exige a aprovação em exames vestibulares para o ingresso nos cursos agrícolas.

Porém em algumas fichas de matrícula, não constam a inscrição para o exame e tampouco o seu resultado, há um campo para ser preenchido com a nota da prova, contudo, na ficha desses alunos, os campos estavam em branco. Alguns egressos entrevistados afirmaram não ter feito nenhum tipo de exame de seleção, tendo feito apenas a inscrição, pois não havia candidatos suficientes para preencher o número de vagas oferecidas. Isso se confirma ao se verificar que apenas cinquenta e cinco alunos ingressaram na primeira turma.

O Colégio era restrito a alunos do sexo masculino, somente na sexta turma, que entrou em 1975, houve a primeira mulher estudando em uma sala com trinta homens. Nos anos subsequentes, o número de alunas não aumentou, em 1984, pode-se ver uma turma com setenta homens e cinco mulheres, de acordo com a pesquisa realizada por Damasceno (1991).

O Decreto-Lei nº 9.613/46 estabelecia a igualdade de direito de ingresso no ensino agrícola para homens e mulheres, mas havia prescrições especiais que deveriam ser observadas, como a do Art. 52: “é recomendável que os cursos do ensino agrícola para mulheres sejam dados em estabelecimentos de ensino de exclusiva frequência feminina” (BRASIL, 1946). Acredita-se que um dos motivos para essa recomendação deveu-se ao fato de alguns ginásios e colégios agrícolas serem em regime de internato. De acordo com uma ex-funcionária da lavanderia do Colégio Agrícola de Uberlândia, que trabalhou na época em que as primeiras alunas entraram, não havia estrutura física para mulheres, não possuía dormitórios e banheiros próprios, a primeira aluna dormia na casa de uma professora que morava na escola.

O Quadro 14 contém a relação dos alunos que entraram no ano de 1969, com sua idade de ingresso, cidade de nascimento e a instituição em que cursou o ginásio.

ALUNOS	Idade	Naturalidade	Curso Ginasial
Alacir R. de Oliveira	20	Tupaciguara-MG	Ginásio Estadual de Tupaciguara
Alaor Borges Correia	16	Tupaciguara-MG	Ginásio Estadual de Tupaciguara
Alexandre Carlos Ruguê Moraes	19	Uberlândia-MG	Ginásio Osvaldo Cruz (Uberlândia-MG)
Altamir Alves de Oliveira	20	Iturama-MG	Ginásio Estadual de Iturama
Antônio Barbosa de Melo	25	Campo Alegre-MG	Colégio Estadual de Araguari (Araguari-MG)
Antônio Generio Neto	17	Igarapava-SP	Colégio Guarani (Uberlândia-MG)
Brás Valdir Tomás	16	Iturama-MG	Ginásio Santa Rosa (Iturama-MG)
Carlos Antônio de Aquino	17	Uberlândia-MG	Ginásio Comercial Senac de Uberlândia
Carlos Augusto França	23	Uberlândia-MG	[...]
Carlos Maia de Almeida	18	Dom Aquino-MT	Ginásio Agrícola Gustavo Dutra (Cuiabá-MT)
Castorino Moacir Teixeira	21	Estrela do Sul-MG	Colégio Prof. Leônicio Ferreira do Amaral (Uberaba-MG)
César França	16	Nova Ponte-MG	Ginásio Industrial Américo Renê Gianetti (Uberlândia-MG)
Cláudio Batista dos Santos	20	Uberlândia-MG	Colégio Técnico Agrícola Estadual Dr. Carolino da Mota e Silva (Pinhal-SP)
Danilo Biasi	18	Uberlândia-MG	Colégio Estadual de Uberlândia
Dimas Francisco Campos	18	Estrela do Sul-MG	Ginásio Estadual Estrela do Sul
Eddie F. Grama	15	Uberlândia-MG	Ginásio Cristo Rei
Edélison Carlos Cardoso	20	Uberlândia-MG	Ginásio Cristo Rei
Edmar G. De Sousa	[...]	[...]	[...]
Edsmar Alves Mendes	18	Uberlândia-MG	Colégio Brasil Central (Uberlândia-MG)
Edson Cordeiro	18	Uberlândia-MG	Ginásio São Judas Tadeu (Uberlândia-MG)
Eurípedes Rodrigues	17	Nova Ponte-MG	Colégio Estadual de Nova Ponte
Fausto Antônio F. Galvão	16	Uberlândia-MG	Ginásio Cristo Rei (Uberlândia-MG)
Frederico Ozanan Carneiro Silva	15	Araguari-MG	Colégio Estadual Prof. Eduardo Mancini (Ipameri-GO)
Gilberto Alves de Oliveira	17	[...]	[...]
Henrique Matias de Oliveira	18	Malacacheta-MG	Ginásio Comercial Vera Cruz (Malacacheta-MG)
Hermes Alves de Araújo	17	Tupaciguara-MG	Ginásio Estadual de Tupaciguara
Hugo César de Souza	18	Uberlândia-MG	Colégio Brasil Central (Uberlândia-MG)
Itamar Neto	16	Uberlândia-MG	Ginásio Cristo Rei (Uberlândia-MG)
João Gomes Pedrosa	19	Araporã-MG	Ginásio Humberto de Campos (Centralina-MG)
João Marques	[...]	[...]	[...]
Joaquim Pedro Costa Neto	18	Araguari-MG	Colégio Estadual de Araguari
José Alves Caetano	19	Araguari-MG	Colégio Brasil Central (Uberlândia-MG)
José Eduardo de Oliveira	17	Uberlândia-MG	Ginásio Osvaldo Cruz (Uberlândia-MG)
José Humberto Ribeiro	22	Araxá-MG	Colégio Dom Bosco (Araxá-MG)
José Knychala	20	Uberlândia-MG	Colégio Estadual de Uberlândia
José Leonardo Rodrigues	15	Tupaciguara-MG	Ginásio Estadual de Tupaciguara
José Maria Neves	20	Uberlândia-MG	Colégio Brasil Central (Uberlândia-MG)
Júlio César de Carvalho	18	Uberlândia-MG	Colégio Inconfidência (Uberlândia-MG)
Laércio Figueiredo de Oliveira	18	Uberlândia-MG	Ginásio Comercial Senac de Uberlândia
Mario José Knychala	17	Uberlândia-MG	Ginásio Cristo Rei (Uberlândia-MG)
Mauro César M. de A. Carvalho	18	Uberlândia-MG	Colégio Técnico Agrícola Estadual Dr. Carolino da Mota e Silva (Pinhal-SP)
Nilson de Moura Pereira	17	Coromandel-MG	Ginásio Coromandel
Pácis Arantes	18	Canápolis-MG	Colégio Brasil Central (Uberlândia-MG)
Paulo Roberto M. Carneiro	19	Uberlândia-MG	Colégio Brasil Central
Plauto H. do Nascimento	17	Aloândia-GO	Ginásio São Judas Tadeu (Uberlândia-MG)
Raimundo Carlos Pires	20	Romaria-MG	Ginásio Estadual Estrela do Sul (Estrela do Sul-MG)
Sancler Alves de Carvalho	20	Irai de Minas-MG	Colégio Brasil Central (Uberlândia-MG)
Sebastião Nunes de Paula	18	Cachoeira Alta-GO	Ginásio Marden (Uberlândia-MG)
Sebastião Pereira Filho	[...]	[...]	[...]
Sérgio Augusto Horta da Silva	18	Sabará-MG	Ginásio Estadual de Tupaciguara
Sócrates Martins Souza	25	Malacacheta-MG	[...]
Valdoir Fernando R. dos Santos	18	Corumbáiba-GO	Ginásio Estadual de Tupaciguara
Vicente Paulo Medeiros	[...]	[...]	[...]
Vitor Antônio Rodrigue	18	Uberlândia-MG	Ginásio Industrial Américo Renê Gianetti (Uberlândia-MG)
Wagner Lemos de Rezende	16	Uberlândia-MG	Colégio Anchieta (Uberlândia-MG)

Quadro 14: Relação da primeira turma de Técnico em Agropecuária do CAU.

Fonte: Fichas de matrícula e diários de classe. IFMT – Campus Uberlândia.

Dos cinquenta alunos ingressantes sobre cuja naturalidade se tem informação, observa-se que somente vinte e dois deles são naturais de Uberlândia, o restante são de outras cidades de Minas Gerais e alguns de outros estados, tais como: São Paulo, Mato Grosso e Goiás. Mas, se se observar a escola onde concluíram o ginásio, vê-se que sete alunos naturais de Igarapava-SP, Nova Ponte-MG, Araguari-MG, Canápolis-MG, Aloândia-GO, Irai de Minas-MG e Cachoeira Alta-GO estudaram na cidade de Uberlândia. O que poderia indicar que 58% dos alunos ingressantes moravam ou tinham família que morava na cidade.

Se levarmos em conta o fato de que não houve concorrência para as vagas oferecidas e que a procura foi menor que a oferta, podemos concluir que os jovens em idade escolar da cidade de Uberlândia não tinham interesse em estudar no Colégio Agrícola, pois todos os inscritos, fazendo exame de seleção ou não, entraram na primeira turma do curso.

Nessa perspectiva a ideia de progresso está sempre associada ao desenvolvimento urbanístico e o atraso ao meio rural. Como já mencionado nos capítulos anteriores, Uberlândia nasceu com o ideal de cidade moderna, e os investimentos sempre foram maiores para o setor urbano-industrial. A elite uberlandense, imbuída do discurso progressista, buscava uma formação propedêutica que tinha maior prestígio na sociedade, e a cidade possuía instituições públicas de qualidade que atendiam a essa classe, tal como a Escola Estadual de Uberlândia, que, segundo Gatti (2002, p. 58), foi criada em 1912 como instituição privada que atendia à classe média-alta, mas mesmo depois de sua estatização em 1930, manteve esse caráter e formou “diversos dirigentes do setor público e privado local, regional e mesmo nacional”.

Para as classes menos favorecidas, que residiam no setor urbano, havia escolas públicas do ciclo colegial tanto do ensino secundário quanto do profissionalizante, tal como o Colégio Comercial Oficial de Uberlândia, atual Escola Estadual Professor José Inácio de Souza, que oferecia uma formação de mão de obra voltada para o comércio. Isso diminuía o interesse dos alunos em estudar em uma escola na zona rural a vinte quilômetros da cidade e com uma formação para o setor agrícola. Havia ainda outra dificuldade para as classes mais baixas em estudar no Colégio Agrícola, porque o regime era de internato, e os alunos não poderiam trabalhar para contribuir na renda familiar.

Os ex-alunos relataram sobre essa dificuldade, eles ficaram durante todo o curso sem emprego, porque quem morava em Uberlândia voltava para suas casas somente aos finais de semana e, para os que eram de fora, voltavam apenas nas férias. Alguns conseguiam pegar serviços temporários nos dias de folga ou durante as férias, como descreve o entrevistado (E4), “[...] fiquei três anos sem ganhar nada. Às vezes nós pegávamos jardim no final de semana pra ganhar um dinheiro”. O entrevistado (E2), que residia em Tupaciguara, também relatou: “Antes de ir pro Colégio Agrícola eu trabalhava em serralheria [...] quando chegava a época das férias eu voltava pra essa serralheria pra ganhar um dinheirinho”.

Algumas cidades ainda não possuíam escola pública de ensino secundário. Esse também pode ser um dos motivos para essa grande quantidade de alunos vindos de fora. Segundo Souza (2008, p. 145):

No início da década de 1960, cerca de metade dos estabelecimentos de ensino secundário existentes no país pertenciam à iniciativa privada e tanto as escolas públicas como as particulares encontravam-se localizadas, em sua maioria, nas capitais dos estados e nos grandes centros urbanos.

Nessa época, poucos alçavam esse nível de instrução, o ciclo colegial e o ensino superior ainda permaneciam como circunstância de diferenciação social, em decorrência disso a distorção idade/série era algo evidente. A LDB 4.024/61 não estabelecia uma idade para a entrada no ciclo colegial, mas exigia para o ingresso no ciclo ginásial que o educando tivesse onze anos completos ou que alcançasse essa idade no decorrer do primeiro ano letivo. Se o aluno entrasse com a idade correta no ginásio, que tinha a duração de quatro anos, ele concluiria com 15 ou 16 anos e estaria apto a ingressar no colegial, pois a conclusão do ciclo ginásial era a única exigência da LDB.

Pela tabela 3, apresentada a seguir, percebe-se que somente nove alunos entraram no Colégio Agrícola de Uberlândia com a idade de 15 e 16 anos, idades consideradas adequadas para o ingresso naquele nível de ensino. Os demais apresentam os seguintes percentuais: 32% ingressaram com 18 anos, idade em que deveriam concluir o ensino médio e 34% ingressaram após os 19 anos.

Tabela 3 - Relação da idade de ingresso dos alunos da primeira turma do CAU.

Idade	Quantidade	%
15	3	6
16	6	12
17	8	16
18	16	32
19	4	8
20	8	16
21	1	2
22	1	2
23	1	2
25	2	4
Total	50	100

Fonte: Fichas de matrícula. Instituto Federal do Triângulo Mineiro – Campus Uberlândia.

Nessa época, a distorção idade/série era algo frequente, pois até mesmo para ingressar no ginásio era obrigatório fazer exame de admissão: “Art. 36. O ingresso na primeira série do 1º ciclo dos cursos de ensino médio depende de aprovação em exame de admissão, em que fique demonstrada satisfatória educação primária [...]” (BRASIL, 1961). Além disso, muitos abandonavam o estudo para trabalhar com o intuito de ajudar na renda familiar. Em outros casos, como mencionado anteriormente, a cidade não possuía instituição pública para todos os níveis de ensino, como, por exemplo, o caso do entrevistado (E3), que ficou sete anos sem estudar porque, em sua cidade, não havia ginásio público e mais um ano para iniciar no ciclo colegial.

Muitos desses alunos já haviam desistido de estudar e encontraram nesse Colégio uma oportunidade, por oferecer moradia, alimentação e uma formação profissional para o mercado de trabalho. O entrevistado (E4), natural de Uberlândia-MG, terminou o ginásio e foi para Goiás trabalhar com seu avô em uma fazenda. Ele comentou que lá muitos já tinham parado de estudar e trabalhavam no campo.

Eu tinha parado de estudar, eu já tava meio desiludido, aí surgiu essa escola aí, aí eu pensei, “– Vou fazer um curso técnico!”. Eu tava em Goiás, então lá tinha muita gente parando de estudar, entendeu. Muitos lá já tinha trinta anos de idade, muitos lá já mexia com fazenda, com agricultura, mas não tinha um curso desse *naípe* aí, então todo mundo ficou empolgado, foi o primeiro aqui na região (Entrevistado E4).

O entrevistado (E7), de Tupaciguara, entrou no Colégio assim que concluiu o ginásio com quinze anos de idade, mas afirma que não possuía nenhuma perspectiva de

prosseguimento nos estudos, pois ele era o mais novo de nove irmãos e sua família não tinha condições financeiras de mantê-lo na escola. Lembra que saiu um edital do processo seletivo na prefeitura de sua cidade e considerou esta uma grande oportunidade pelo fato de a instituição oferecer moradia e alimentação gratuitas.

Percebe-se que a população atendida pelo Colégio Agrícola de Uberlândia foi das classes menos favorecidas da sociedade. A história da educação nos revela como o ensino técnico e profissionalizante foi vítima do descaso das políticas públicas brasileiras, como foi apresentado no primeiro capítulo. Desde o período colonial, os trabalhos manuais receberam um tratamento discriminatório pela sociedade por serem considerados funções de escravos. Portanto, as primeiras instituições de ensino profissionalizante foram criadas para atender aos desvalidos e desfavorecidos de fortuna (SANTOS, 2005). A possibilidade de ingresso no ensino superior dos concluintes de ensino técnico-profissionalizante surgiu pela primeira vez, em 1961, com a LDB, mas o preconceito com esse tipo de ensino permanecia, pois ainda era muito recente. As famílias que tinham melhores condições financeiras colocavam seus filhos em instituições que ofereciam ensino secundário e as mantinham com a idade consonante com a série. Essa distorção idade/série apresentada pelos ingressantes da primeira turma é característica das classes menos abastadas.

A maioria dos ex-alunos entrevistados revelou que eram de origem pobre e que não tinham como prosseguir nos estudos.

Eu acho que o meu critério mais foi pela necessidade. [...] eu sou de família bem humilde mesmo e meu pai era motorista e uma vez eu vi um documentário sobre a Escola Agrícola de Santa Teresa no Espírito Santo, aí eu falei, “– vou ser técnico agrícola porque lá tem cama, comida e estudo!” quando eu tava terminando o ginásio ouvi um boato que aqui em Uberlândia tinha um Colégio Agrícola [...] (Entrevistado E2).

Alguns alunos eram filhos de proprietários rurais e ingressaram no Colégio para se especializar e prosseguir na área, como entrevistado (E6), natural de Cachoeira Alta-GO, que, quando terminou o colegial, voltou para a fazenda de seu pai e permanece nesse ramo até os dias atuais com atividade voltada para a pecuária. O entrevistado (E5), também filho de proprietário rural, entrou no curso com a intenção de se formar em Medicina Veterinária, atualmente trabalha no ramo e também é proprietário rural.

Apesar de ser a primeira instituição de ensino profissionalizante para o setor agrícola da região, de o Triângulo Mineiro ter sua economia baseada na agricultura, das

constantes propagandas difundidas pela imprensa sobre sua importância e qualidade do ensino e das classes dirigentes de Uberlândia terem apoiado e lutado pela criação do Colégio Agrícola a demanda pelo curso não atendeu às expectativas. A procura foi menor que a oferta, quase metade dos alunos vieram de outras cidades, e 47% da turma abandonaram o curso ao longo dos três anos. Como já foi mencionado, vinte e nove alunos nasceram ou terminaram o ginásio em Uberlândia, e verifica-se que destes, dezoito abandonaram o curso. Dos alunos que ficaram somente 38% eram de Uberlândia. Assim, acaba-se confirmando o desinteresse dos uberlandenses por esse tipo de curso, cuja procura foi pequena, e os que ingressaram desistiram do curso.

Tabela 4 - Alunos concluintes e desistentes com relação à procedência.

Formandos	Nº Alunos	%
Outras cidades	18	62
Uberlândia	11	38
Total	29	100
Desistentes	Nº Alunos	%
Outras cidades	8	31
Uberlândia	18	69
Total	26	100

Fonte: Fichas de matrícula. Instituto Federal do Triângulo Mineiro – Campus Uberlândia.

Os ex-alunos relatam que, quando chegaram ao Colégio, no primeiro ano, a estrutura física era precária, havia apenas o prédio principal com as salas de aula, os dormitórios, a cozinha com refeitório e os banheiros. Como já foi aludido no tópico anterior, não havia instalações para as aulas práticas, os próprios alunos tiveram que construir um campo de futebol para as aulas de Educação Física, a horta para as aulas de Agricultura e de Horticultura, e o grupo que trabalhou com o projeto de frango de corte construiu o aviário.

Eles relatam que tudo era feito manualmente, não havia maquinário, utilizavam apenas enxada, alguns contam que botavam fogo para acelerar o processo, pois havia muito mato ao redor do Colégio:

[...] nós trabalhávamos pro colégio mesmo. Eles usavam agente como mão de obra pra poder manter a escola limpa. A gente foi pioneiro lá né. Nós ficávamos trabalhando lá. Então foi a gente que desbravo aquilo lá tudo. A aula prática nós trabalhávamos pro colégio mesmo, a gente que fazia limpeza em volta, nós que fizemos a horta lá tudo no enxadão. Em volta ali não tinha nada (Entrevistado E4).

Além do trabalho braçal durante as aulas práticas, os alunos também lavavam as suas próprias roupas e as roupas de cama na mão. Não existia uma lavanderia no Colégio, eles tinham que lavar toda a roupa na pia do banheiro, como relata o entrevistado (E3):

A roupa da gente era a gente mesmo que lavava, não tinha lavanderia, não tinha tanque, lavava nas pias dos banheiros onde agente tomava banho, ou então pagava né, quem podia pagava pra pessoas que moravam lá pra lavar, eu mesmo lavava a minha.

O Colégio não tinha funcionários de faxina, os alunos é que faziam toda a limpeza das salas de aula, banheiros e alojamentos, o entrevistado (E1) menciona que não havia enceradeira e que tinham que encerar o chão com escovão.

Ao serem questionados sobre essa quantidade de desistentes, sempre afirmam que o problema estava nos serviços que tinham de prestar para o Colégio. Esses alunos desistentes pensavam que o trabalho que desenvolviam não condizia com o que esperavam encontrar em uma instituição de formação de Técnicos Agropecuários. Como eles foram os primeiros, muita coisa no Colégio ainda tinha que ser melhorada, e tudo foi acontecendo paulatinamente, como por exemplo, a lavanderia que foi criada assim que a primeira turma se formou.

Muitos problemas na escola, em termos de estrutura [...] quem não teve aptidão de aguentar o tranco do serviço duro e das matérias que eles tinham que passar, saiu, nós ficamos praticamente metade da turma que entrou (Entrevistado E1).

Os egressos contam que os alunos que vinham de famílias com melhores condições financeiras não aceitavam esse tipo de trabalho. Dois alunos que saíram da escola foram entrevistados, contudo não quiseram revelar o motivo da desistência. A distância ainda poderia ser mais um motivo para os alunos abandonarem o curso. O Colégio localiza-se cerca de vinte quilômetros da cidade de Uberlândia e, na época, boa parte do trajeto era feito em estrada de terra, como mostra a reportagem do jornal Correio de Uberlândia:

Dista 22 Kms. do centro da cidade; boa parte deste percurso é feito sobre asfalto (até a Cidade Industrial) e depois pela rodovia que vai a Cruzeiro dos Peixotos e por fim torna-se uma estrada vicinal patrolada até o Colégio (COLÉGIO Agrícola de Uberlândia, 1969, p. 6).

Como eram internos, os alunos chegavam às segundas-feiras e voltavam para Uberlândia aos sábados. Partiam do centro da cidade às 6 horas da manhã em cima da

carreta de um caminhão que os levava até o Colégio e os trazia de volta aos finais de semana sem nenhum custo. O veículo fazia apenas uma viagem, portanto, transportava todos os alunos de uma só vez no caminhão como demonstra a Figura 19.



Figura 19: Formandos de 1972 na carreta do caminhão do CAU.

Fonte: Arquivo Pessoal – Sócrates Martins Souza.

Os alunos oriundos de outras cidades ficavam no Colégio e retornavam para suas casas somente nas férias, raramente, alguns alunos iam para a casa de colegas que moravam em Uberlândia ou ficavam em um pensionato no centro da cidade. O ex-aluno entrevistado (E1), que tinha uma avó que morava em Uberlândia relatou como era a situação dos colegas que vinham de fora para estudar no Colégio Agrícola:

[...] nós tínhamos no começo um caminhão... caminhão vermelho que agente apelidava, que nos trazia até o centro da cidade, antiga estação aí de Uberlândia. Tinha uma pensão dum japonês na esquina da... João Pessoa com a Afonso Pena, ali quase na esquina... uns ficava ali, eu tinha avó que morava aqui [...], aí eu vinha para casa da minha avó. Agora quem era de fora que num dava tempo de ir na casa deles, ou eles vinha comigo pra minha avó, outros iam pra casa do Vaguinho, outros ficavam na escola, ficava trinta dias, dois meses... é muito difícil, era uma vida difícil pra eles [...].

Os alunos que moravam fora de Uberlândia iam para a cidade com intuito de passear, entreter-se ou distrair-se um pouco para não ficar o tempo todo no Colégio. O entrevistado (E1) salienta que alguns alunos não iam para a cidade, porque não tinham dinheiro, e o Colégio fornecia abrigo e alimentação gratuitos também aos finais de semana. O entrevistado (E3), natural de Malacacheta-MG, contou que passou o final de

semana na cidade uma única vez em três anos, relata que, além de gostar de ficar no Colégio cuidando da horta, também não se sentia à vontade em dormir na casa de colegas.

A gente tinha quatro aulas no sábado de manhã, até onze e meia, quem vinha pra cidade montava no cavalo vermelho, o Chevrolet, [...] e nós que não tinha, ficava lá cuidando da horta, comendo, dormindo, estudando, vendo televisão, jogando ping-pong. [...] O Gilberto de Estrela-do-Sul nunca veio pra cidade, eu vim uma vez pra nunca mais. [...] Ficava todo final de semana, inclusive pedaço das férias (Entrevistado E3).

Os alunos que ficavam aos finais de semana ou nas férias continuavam trabalhando para o Colégio, fazendo a limpeza, cuidando dos animais e da plantação. Alguns egressos que residiam em Uberlândia comentam que a vida desses alunos era muito difícil e que se tivessem passado por essa situação, talvez não conseguissem prosseguir no curso.

Pelo fato de ser um colégio interno, não havia problemas com assiduidade, mas a exigência de pontualidade era grande. O caminhão passava no horário determinado, se algum aluno se atrasasse, perdia a condução. As outras possibilidades de se chegar ao Colégio eram por meio de veículo próprio, taxi ou trem; havia uma estação da Mogiana na Fazenda Sobradinho, porém distava cerca de cinco quilômetros do Colégio Agrícola de Uberlândia. Se o trem fosse a única opção do aluno, ele teria que percorrer este caminho a pé em uma estrada de terra.

Foi mostrada, no tópico anterior, a proposta curricular do curso e percebe-se que era bastante extensa, também foi apresentado como eram ministradas as disciplinas do curso e constatado que as aulas teóricas se baseavam na cópia e a quantidade de conteúdo era algo valorizado. As reprovações também eram motivo para o abandono do curso. Se o aluno fosse reprovado em uma disciplina, ele deveria repetir todas as matérias daquele ano em que ele foi reprovado, segundo o Decreto-Lei 9.613/46, Art. 41: “Quando repetentes por não terem alcançado a habilitação [...], serão os alunos obrigados a todos os trabalhos escolares e complementares da série repetida” (BRASIL, 1946).

Talvez tenha sido por esse motivo que, no primeiro ano, dos oito alunos reprovados, apenas dois continuaram e se formaram no ano de 1973. Estes últimos foram reprovados em Matemática e alegam que o motivo fora a troca de professor da disciplina. Não há como saber em que disciplinas esses alunos foram reprovados,

porque, em suas fichas de matrícula, consta que ingressaram no ano em que, na verdade, estavam repetindo a série e possuíam apenas as notas das séries que fizeram a partir do ano da repetência. Nas segunda e terceira séries, não houve mais reprovações, mas ainda houve muitas desistências.

Na segunda série, no ano de 1970, o Colégio recebeu nove transferências, como expõe o quadro abaixo.

Transferências Recebidas	Instituição	Naturalidade
Diógenes da Costa Machado	[...]	[...]
Eurípedes Martins Oliveira	Colégio Técnico Agrícola Estadual de Igarapava (Igarapava-SP)	Araxá-MG
Fradique Nepomuceno de Souza	Colégio Técnico Agrícola Estadual de Igarapava (Igarapava-SP)	Pirajuba-MG
Gilberto Justino Mendes	Colégio Técnico Agrícola Estadual de Igarapava (Igarapava-SP)	Estrela do Sul-MG
Jales do Carmo Ferreira	Colégio Agrícola de Rio Verde (Rio Verde-GO)	Morrinhos-GO
José Augusto Murta Araújo	Colégio Técnico Agrícola Estadual de Igarapava (Igarapava-SP)	Guiratinga-MT
Milo César Soares	[...]	[...]
Pedro Carlos Martins	Colégio Técnico Agrícola Estadual de Igarapava (Igarapava-SP)	Conceição das Alagoas-MG
Tomaz Antônio Chiatt	Colégio Técnico Agrícola Estadual de Igarapava (Igarapava-SP)	Uberaba-MG

Quadro 15: Relação dos alunos transferidos para o CAU em 1970.

Fonte: Fichas de matrícula e diários de classe. Instituto Federal do Triângulo Mineiro – Campus Uberlândia.

Não há ficha de matrícula dos alunos Diógenes e Milo, conclui-se que eles foram transferidos para o Colégio porque os seus nomes não constam na turma que ingressou em 1969, mas estão no diário dos professores da segunda série. Mas esses alunos e José Augusto Murta Araújo não chegaram a cursar esta série, pois, no diário não há registro de sua presença. O restante concluiu o curso e, segundo o entrevistado (E8), transferido de Igarapava-SP, a turma de colegas ficou sabendo da abertura de vagas para transferência para o Colégio Agrícola de Uberlândia e decidiu mudar, pois eles ficariam mais próximos de suas cidades.

O Quadro 16 apresenta a relação da matrícula inicial, das transferências recebidas, da evasão e dos concluintes de cada série da primeira turma do curso Técnico em Agropecuária do Colégio Agrícola de Uberlândia.

1ª SÉRIE (1969-1970)						
Matrícula Inicial	Transferência Recebidas	Transferência Expedidas	Evasão	Reprovação	Concluintes	Concluintes (%)
55	-	-	19	2	34	61,82
2ª SÉRIE (1970-1971)						
Matrícula Inicial	Transferência Recebidas	Transferência Expedidas	Evasão	Reprovação	Concluintes	Concluintes (%)
34	9	-	10	-	33	97,05
3ª SÉRIE (1971-1972)						
Matrícula Inicial	Transferência Recebidas	Transferência Expedidas	Evasão	Reprovação	Concluintes	Concluintes (%)
33	-	-	-	-	33	100

Quadro 16: Relação matrícula inicial, transferência, evasão e concluintes da primeira turma de Técnicos em Agropecuária (1969-1972).

Fonte: Fichas de matrícula e diários de classe. IFTM – Campus Uberlândia.

Dos cinquenta e cinco alunos que ingressaram, somente vinte e nove concluíram o curso, dois destes se formaram na turma de 1973, devido à reprovação, e seis alunos eram transferidos de outros Colégios, ou seja, a formatura de 1972 foi composta por trinta e três alunos. No tópico seguinte, foi feita uma análise da trajetória dos egressos da primeira turma do curso Técnico em Agropecuária para compreender se o Colégio Agrícola de Uberlândia atendeu às finalidades propostas em sua criação

3.3. Trajetória dos Egressos

Ao dia 27 de maio de 1972 ocorreu a formatura da primeira turma do curso de Técnico em Agropecuária do Colégio Agrícola de Uberlândia. Abaixo está a relação dos formandos com o ano em que ingressaram no curso:

Alaôr Borges Corrêa	1969	Joaquim Pedro Costa Neto	1969
Alexandre Carlos Ruguê Moraes	1969	José Humberto Ribeiro	1969
Altamir Alves de Oliveira	1969	José Knychala	1969
Braz Valdir Tomaz	1969	José Leonardo Rodrigues	1969
Carlos Maia de Almeida	1969	José Maria Neves	1969
Castorino Moacir Teixeira	1969	Mário José Knychala	1969
César França	1969	Nilson de Moura Pereira	1969
Cláudio Batista Santos	1969	Pedro Carlos Martins	1970
Danilo Biasi	1969	Raimundo Carlos Pires	1969
Eurípedes Martins de Oliveira	1970	Sebastião Nunes de Paula	1969
Eurípedes Rodrigues	1969	Sérgio Augusto Horta da Silva	1969
Fradique Nepomuceno Souza	1970	Sócrates Martins de Souza	1969
Frederico Ozanan Carneiro Silva	1969	Tomaz Antônio Chiatt	1970
Gilberto Justino Mendes	1970	Valdoir Fernando Ribeiro Santos	1969
Henrique Matias de Oliveira	1969	Wagner Lemos	1969
Hermes Alves de Araújo	1969	Vitor Antônio Rodrigues	1969
Jales do Carmo Ferreira	1970		

Os formandos receberam o diploma de Técnico em Agropecuária conforme o modelo da Figura 20:



Figura 20: Modelo do diploma de Técnico em Agropecuária.
Fonte: Instituto Federal do Triângulo Mineiro – Campus Uberlândia.

O jornal Correio de Uberlândia reservou uma página inteira para a divulgação do evento, comentou brevemente a história da criação do Colégio e apresentou suas datas históricas, tais como: criação, inauguração, aula inaugural e formatura. Registrou a sua finalidade e importância, mostrou as disciplinas ministradas pelo Colégio e concluiu divulgando os nomes dos principais responsáveis pela sua criação: Rondon Pacheco (Governador do estado); Virgílio Galassi (Prefeito de Uberlândia); e os Engenheiros Agrônomos que participaram ativamente na criação do Colégio, Walter Saur, Wanderley do Prado Barreto, Nady Bastos Genú, Eugênio Pimentel Arantes, Amaury Greco, Luiz Gonzaga de Souza Magalhães, Marcelo Diógenes Maia e Armando de Souza Pereira (UBERLÂNDIA forma técnicos para o Brasil, 1972). O Correio de Uberlândia esteve presente desde o início da criação do Colégio, acompanhando e divulgando todos os acontecimentos, e a formatura da primeira turma não deixaria de ser anunciada, pois representava o resultado de quinze anos de trabalho, como se averigua pela citação:

Neste primeiro quadro, a recordação de todos os colegas. É uma história longa. Muito trabalho e muita luta também. Foram mais de dez anos e durante este período toda Uberlândia através de suas representações, especialmente sindicatos, autoridades constituídas e associações de classe defenderam e lutaram para que uma Escola Agrotécnica fosse construída e funcionasse regularmente formando oficialmente Técnicos Agrícolas de nível médio. E, esse dia chegou.

Hoje, exatamente hoje, às 20 horas, com a presença do Dr. Paulo Dutra de Castro, Diretor do Departamento de Ensino Médio do Ministério da Educação e Cultura, o Colégio Agrícola de Uberlândia conferirá trinta e três diplomas aos jovens que um dia decidiram estudar agricultura em nível profissionalizante pedindo matrícula no estabelecimento. Dos sessenta pioneiros vinte e seis foram transferidos para outras Unidade Educacionais e um foi tragicamente roubado do convívio dos demais companheiros deixando somente lágrimas e saudades. Com a ajuda de Deus e dos homens de boa vontade, o Colégio Agrícola de Uberlândia se constitui, hoje, em realidade indiscutível (UBERLÂNDIA forma técnicos para o Brasil, 1972, p. 8).

De acordo com o ex-aluno entrevistado (E3), várias autoridades políticas de Uberlândia e de Brasília estiveram presentes no dia da formatura, ele relata que o Diretor fechou o refeitório para esses convidados e serviu uísque à vontade. Conta que o churrasco começou as onze da manhã e permaneceu até anoitecer, por volta das vinte horas, com música ao vivo tocada pela Banda Municipal.

O jornal O Triângulo também divulgou as solenidades de formatura e apresentou a programação do evento, segundo o convite que receberam:

8 horas - Hasteamento das Bandeiras do Brasil, Estado de Minas Gerais e do Colégio Agrícola de Uberlândia, descerramento da placa comemorativa e inauguração da Praça Cívica; 9 horas - Plantio de árvores com oração de despedida pelo formando Carlos Maia de Almeida; 10 horas: Abertura da exposição de máquinas e implementos agrícolas, seguida de demonstração prática com a participação dos formandos; 13 horas: Churrasco oferecido pelos formandos aos convidados e familiares; 15 horas: Hora da saudade, concentração dos formandos com o corpo docente; 17 horas: Inauguração da exposição de fotografias, trabalhos e murais, seguida de visitas às instalações do Colégio; 20 horas: Culto religioso e entrega de diplomas; 22 horas: Baile de formatura (COLÉGIO Agrícola forma 1ª turma: 33 técnicos, 1972).



Figura 21: Hasteamento de Bandeiras na formatura da turma de 1972 do CAU.

Fonte: Instituto Federal do Triângulo Mineiro – Campus Uberlândia.



Figura 22: Formandos de 1972 do CAU com mudas de árvores para plantio na formatura.

Fonte: Instituto Federal do Triângulo Mineiro – Campus Uberlândia.

A turma recebeu o nome do Governador Rondon Pacheco, o patrono foi Armando de Souza Pereira e o paraninfo foi o Deputado Federal Homero Santos, na época da formatura, o Diretor do Colégio era Luiz Soares de Medeiros.

Segundo Saviani (2007), a instituição escolar é criada para atender às necessidades de determinada sociedade, os seus resultados devem atingir aos objetivos

de seu empreendimento. Como foi abordado no segundo capítulo, a elite uberlandense considerava a criação do Colégio Agrícola de Uberlândia uma forma de atender às carências do setor agrário da região naquele momento. Havia falta de mão de obra qualificada para manusear as novas tecnologias que proporcionariam o aumento da produção. A imprensa, bem como as classes dirigentes da cidade repetiam constantemente em seus discursos a importância da formação de técnicos agrícolas. O jornal *Correio de Uberlândia* publicou um artigo em que mostra qual era o objetivo principal dessa instituição não só para a região como também para a nação:

Nesse passo da grande edificação deste magnífico mostruário afetivo, organizado por ideais de grande conceito na sociedade brasileira para os melhoramentos deste nosso torrão nacional, idéias estas que têm por fim não somente cultivar as mentes dos futuros batalhadores desta nação como também seu maior objetivo é conduzir esses candidatos a um aprendizado técnico, colocando em movimento uma das partes de maior importância na economia de nossa nacionalidade, que vinha sendo ignorada pelos nossos antecessores. Porém com o julgamento em mãos é necessário que o realizemos; mostremos a capacidade que nossas terras têm a nos dar. Ser econômico, desenvolvido não é somente tragar a base atômica e deixar de lado o que temos em quantidade ampla. A economia desta grande nação está nas mãos da teoria técnica. Seu atraso, suas desvantagens nos mercados mundiais dão-se devido à influência da técnica executada. Como profissionais que seremos amanhã devemos supri-las para termos produções destacando no quadro das maiores nações produtoras do gênero agrícola. Então conclui-se que: nosso lema dentro deste colégio é visualizar a melhoria técnica e econômica da agropecuária brasileira (UMA Instituição modelar, 1970, p. 6).

Para compreender se o Colégio Agrícola atendeu às finalidades propostas para sua criação, é imperioso fazer uma análise da trajetória do alunado. Os alunos da primeira turma realizam quinquenalmente encontros para manter viva a história da época que conviveram na escola, já ocorreram por volta de oito encontros nesses trinta e oito anos em que se formaram. Como se tratava de um internato, esses alunos informaram que viveram três anos como uma “família”. Por serem pioneiros e terem trabalhado juntos e de forma árdua para a construção do Colégio, eles permaneceram mais unidos, como foi mencionado no tópico anterior, sobre as dificuldades que atravessaram justamente por serem da primeira turma. Não há indícios de que turmas posteriores permanecem se encontrando dessa forma, alguns alunos da segunda turma participam desses encontros, mas é um número ínfimo. O evento, ocorrido em junho de 2010, teve duração de quatro dias em uma chácara do cunhado de um ex-aluno. Nem

todos os egressos participaram da comemoração, a maioria deles reside fora de Uberlândia, alguns já faleceram e outros não se consideram em condições físicas para participar de festas.

O entrevistado (E1) fala sobre esse sentimento que os une até os dias de hoje:

Eu acho que pra mim foi uma coisa excelente, [...], eu posso falar pela turma, foi uma coisa melhor que aconteceu, pelo menos pra nossa turma, porque nós não éramos colegas e amigos, nós éramos irmãos era uma turma que, os que foram saindo ficou um pouquinho afastado, mas os que chegaram a formar, tirando os que já faleceram, todos quando encontram não é falso, é verdadeiro nosso sentimento, é como se fosse parente.

A pesquisadora utilizou a oportunidade do evento para conversar com os egressos que moram fora de Uberlândia, todos os presentes foram entrevistados, somando um total de sete. Devido ao barulho de conversas e de música, pois a família dos ex-alunos também participa da festa, e pelo fato de estarem em um momento de descanso e descontração, as entrevistas foram breves, abordando somente tópicos importantes para a pesquisa. Os egressos que residem na cidade foram entrevistados em outras ocasiões.

Relata-se, a seguir, a trajetória profissional dos treze egressos entrevistados:

- **Entrevistado (E1)**

O ex-aluno é natural de Uberlândia-MG, na época em que se inscreveu para o Colégio, morava em Pinhal-SP, onde cursou o ginásio técnico agrícola. Tinha a idade de vinte anos quando ingressou no colegial. Seu interesse em cursar essa modalidade de ensino foi porque já possuía certo gosto pela área, sua intenção era ser técnico agrícola e trabalhar em órgãos públicos, diferente da profissão do pai que possuía uma marcenaria. Prestou um concurso da Acar em Goiás, foi aprovado, mas desistiu por ter que morar fora da cidade. Seu primeiro emprego foi no setor administrativo da Prefeitura de Uberlândia e logo que concluiu o curso técnico, ingressou na faculdade de Matemática na Universidade Federal de Uberlândia, segundo ele, foi aprovado no primeiro vestibular que prestou. Atualmente, ele é Professor e Diretor da Escola Estadual Joaquim Saraiva em Uberlândia no bairro Saraiva.

- **Entrevistado (E2)**

Natural da cidade Tupaciguara-MG, ingressou no Colégio com dezesseis anos de idade, na época, ele trabalhava em uma serralheria e seu pai era motorista da Prefeitura. Em sua cidade, não havia colegial em escola pública e encontrou no Colégio Agrícola de Uberlândia uma grande oportunidade por oferecer abrigo, comida e uma formação gratuita.

Ao se formar como Técnico em Agropecuária regressou para sua cidade e voltou a trabalhar na antiga serralheria. Comentou que houve um concurso da Empresa de Assistência Técnica, Extensão Rural e Pesquisa Agropecuária do Estado de Goiás (Emater), mas não pode prestar o exame porque não tinha dinheiro para a viagem, afirma que todos do Colégio que prestaram foram aprovados. Após três meses trabalhando na serralheria, um fazendeiro da cidade o procurou, por indicação do Banco do Brasil, para trabalhar como técnico em sua lavoura de algodão.

No início dos anos de 1980, começaram a surgir os computadores, e o assunto lhe chamou a atenção, assim, ele deixou a carreira de técnico agrícola e investiu na área de informática, atualmente, ele é Analista de Sistema.

- **Entrevistado (E3)**

Nascido em Malacacheta-MG, teve seus estudos atrasados devido à morte de seu pai quando contava sete anos de idade e também pelo fato de sua cidade não possuir ensino médio gratuito. Quando se inscreveu no Colégio Agrícola, estava morando em Belo Horizonte-MG, onde trabalhava como alfaiate. Tinha vinte e cinco anos ao ingressar no Colégio e revela que sempre se interessou pelo trabalho no campo. Ao concluir o curso de Técnico em Agropecuária, participou de uma seleção para contratação de professores para atuar no próprio Colégio Agrícola de Uberlândia. Cinco alunos concorreram à vaga, o entrevistado (E3) ficou em primeiro lugar, e o segundo colocado, o entrevistado (E10), também foi contratado. Ele permaneceu na instituição até se aposentar e enquanto trabalhava no Colégio fez faculdade de Direito na Universidade Federal de Uberlândia, mas não exerceu essa profissão.

- **Entrevistado (E4)**

Natural de Uberlândia-MG. Trabalhava no campo com seu avô, no Estado de Goiás, quando ficou sabendo do Colégio por meio de um telefonema de sua mãe. Havia

desistido de prosseguir os estudos, mas retornou para a cidade e ingressou com a idade de dezessete anos. Conseguiu seu primeiro emprego após quatro meses na Companhia de Integração Florestal (CIF), uma empresa particular de plantio de eucalipto. Atualmente, é Encarregado de Operações de Silos na Companhia de Armazéns e Silos do Estado de Minas Gerais (Casemg).

- **Entrevistado (E5)**

O ex-aluno é natural de Uberlândia e filho de produtor rural, possuía fazenda em Cruzeiro dos Peixotos, bem próximo à Fazenda Sobradinho, onde se localiza o Colégio. Assim, ele e seu primo ficaram sabendo e ingressaram juntos na primeira turma. Entrou para o colegial com dezessete anos de idade. Afirma que, desde o início, sua intenção era se tornar veterinário. Dessa forma, entrou para a faculdade de Medicina Veterinária na Universidade Federal de Uberlândia antes de concluir o curso técnico. Ao se formar, montou sua própria clínica veterinária. Atualmente, trabalha nos leilões da exposição do Camaru e também é proprietário rural.

- **Entrevistado (E6)**

Natural de Cachoeira Alta-GO. Residia na cidade de Uberlândia na época em que ingressou no Colégio e contava dezoito anos de idade. Filho de produtor rural, assim que concluiu o curso Técnico em Agropecuária, voltou a trabalhar na fazenda de seu pai e permanece como produtor rural até os dias atuais.

- **Entrevistado (E7)**

Nascido em Tupaciguara-MG, não possuía expectativas de continuar os estudos, mas, com a oportunidade de internato do Colégio Agrícola de Uberlândia, pode prosseguir sua escolarização. Ingressou na instituição com quinze anos de idade, sua mãe era falecida e seu pai era pedreiro. Prestou o concurso da Acar de Goiás e conseguiu seu primeiro emprego com dois meses de formação. Atualmente, é Representante Comercial de fertilizantes e sementes de milho híbrido na empresa Portal Fertilizantes em Itumbiara-GO.

- **Entrevistado (E8)**

Nascido em Araxá-MG, já fazia o colegial no Colégio Técnico Agrícola Estadual de Igarapava, em Igarapava-SP, e foi transferido para o Colégio Agrícola de Uberlândia. Seu pai era proprietário de uma marcenaria em sua cidade natal. Após formar-se, entrou para o Banco do Brasil em um cargo de confiança como Avaliador de Imóveis Rurais. Em 2006 cursou a faculdade de Gestão de Agronegócios na Universidade de Araxá (UniAraxá). Atualmente, administra a marcenaria que era de seu pai.

- **Entrevistado (E9)**

Natural de Iturama-MG, ingressou no Colégio com dezesseis anos de idade, seu pai era caminhoneiro na época. Optou pelo curso técnico agrícola por gostar da área e pelo fato de o CAU ser uma instituição gratuita. Ingressou na faculdade de Medicina Veterinária na Universidade Federal de Uberlândia assim que terminou o ensino médio. Seu primeiro emprego foi na Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati), Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Governo do Estado de São Paulo, onde permanece até os dias de hoje como Diretor Técnico.

- **Entrevistado (E10)**

Natural de Uberlândia. Ingressou no Colégio com dezoito anos de idade. Foi um dos alunos aprovados na seleção para professor do Colégio Agrícola de Uberlândia e atuou de 1974 a 1982. Antes de concluir o curso técnico, entrou para a faculdade de Economia na Universidade Federal de Uberlândia e, logo em seguida, fez o Mestrado em Economia. Assim que concluiu o Mestrado, tornou-se professor da Graduação de Economia da UFU e atuou até o ano de 2003. Atualmente, é professor da Universidade Presidente Antônio Carlos em Belo Horizonte-MG.

- **Entrevistado (E11)**

Nascido em Araguari-MG, seu pai era proprietário de uma loja de tecidos, na época, eles moravam em Ipameri-GO, e ingressou no Colégio com quinze anos de idade. Em 1973 entrou para a faculdade de Medicina Veterinária pela Universidade Federal de Uberlândia, onde fez Mestrado e Doutorado, e atuou como professor a vida toda nessa instituição.

- **Entrevistado (E12)**

Natural de Corumbáiba-GO, na época em que ingressou no Colégio, morava em Tupaciguara-MG. Seu pai era Lavrador. Afirma ter ingressado no curso pelo fato de seus pais não terem condições de o manterem na escola e, ao saber que o Colégio Agrícola de Uberlândia oferecia condições de moradia e alimentação, inscreveu-se para o curso. Seu primeiro emprego foi conseguido após cinco meses de conclusão do curso como Maquinista da Rede ferroviária Federal, permaneceu durante quatro meses. Posteriormente, passou em um concurso do Banco do Brasil e atua até os dias de hoje como Escriturário.

- **Entrevistado (E13)**

Nascido em Nova Ponte-MG, morava em Uberlândia quando entrou para o Colégio. Possuía dezessete anos de idade, e seu pai era funcionário público do estado. Prestou concurso da Acar em Goiás, foi aprovado e teve o seu primeiro emprego como Extensionista Rural. Atualmente, é Empresário Rural no ramo de fruticultura e Consultor de agronegócios e empresarial. Fez faculdade de Direito, mas não exerce a profissão.

- **Entrevistado (E14)**

Devido a problemas na qualidade da gravação da entrevista, as únicas informações que se tem sobre esse ex-aluno é que atualmente mora em Primavera do Leste-MT e é concursado da Polícia Federal.

- **Egresso 1**

O ex-aluno nasceu em Pirajuba-MG e veio transferido do Colégio Agrícola de Igarapava. Ele não foi entrevistado, seus dados foram obtidos da internet em um site que publica um livro de sua autoria. Consta informação de que ele se graduou em Técnicas Agrícolas pela UFMG e atualmente é extencionista da Emater-MG.

Como foi abordado no segundo capítulo, João Cleofas, Ministro da Agricultura na época da fundação do Colégio, declarou que não criaria uma faculdade de Agronomia na cidade porque o Engenheiro Agrônomo buscava carreira pública, mas daria condições, ao contrário, para a criação de uma escola técnica, porque quem coloca

a mão na terra é o técnico. Contudo, pelo que se observa na trajetória profissional percorrida pelos alunos do Colégio Agrícola de Uberlândia, a fala do Ministro não foi concretizada. A expectativa colocada sobre o Colégio constituía na melhoria da técnica e modernização do setor agrário com o intuito de aumentar a produção dos alimentos e matérias-primas com mais economia e em tempo mais curto.

Entrevistados	1º Emprego (Na Área?)		Último Emprego (Na Área?)	
	SIM	NÃO	SIM	NÃO
E1		X		X
E2	X			X
E3		X		X
E4	X		X	
E5		X	X	
E6	X		X	
E7	X		X	
E8	X			X
E9	X		X	
E10		X		X
E11		X		X
E12		X		X
E13	X		X	
E14	-	-		X
Egresso 1	-	-	X	

Quadro 17: Primeiro e último emprego dos formandos de 1972 do CAU.
Fonte: Entrevistas, 2010.

Com relação ao quadro 17, que apresenta a quantidade dos formandos entrevistados que tiveram seu primeiro e último emprego na área de agricultura, vemos que dos 53,84%¹⁴ tiveram seu primeiro emprego no setor agrícola, mas ao longo de suas carreiras, constata-se que somente 46,67% trabalham atualmente ou tiveram seu último emprego voltado para a área, são eles: produtores rurais, técnicos agrícolas, extensionista, consultor de agronegócios e representante comercial. Dos egressos que não seguiram a carreira, quatro se tornaram professores, um analista de sistemas, um policial federal, um proprietário de marcenaria e um escrivão.

Pode-se avaliar a qualidade da formação destes alunos a partir de suas carreiras. Apesar de a formação da maioria dos professores do Colégio não estar em conformidade com as disciplinas que ministravam e da grande quantidade de substituições ocorridas no quadro docente, como foi observado no tópico anterior, conclui-se que a formação que receberam foi de boa qualidade.

Muitos desses alunos já haviam desistido de prosseguir os estudos, não tinham condições financeiras para tal e a formação que receberam no Colégio Agrícola de

¹⁴ Esse valor foi obtido através dos dados de treze entrevistados visto que dois deles não se tem informação de seu primeiro emprego.

Uberlândia possibilitou-lhes o ingresso em universidade pública e profissão em carreira pública. Dos quinze alunos, nove (60%) cursaram ensino superior, seis deles na Universidade Federal de Uberlândia e um na Universidade Federal de Minas Gerais. Destes, dois comprovaram e três afirmaram terem ingressado no primeiro vestibular que prestaram. As faculdades cursadas pelos oito egressos foram: Matemática, Direito, Gestão de Agronegócios, Economia, Técnicas Agrícolas e Medicina Veterinária.

Dos quinze egressos, onze (73,34%) foram aprovados em concurso público em alguma parte de sua carreira profissional. Quatro deles como professores, nas seguintes instituições: Escola Estadual Joaquim Saraiva, Universidade Federal de Uberlândia e Colégio Agrícola de Uberlândia. O restante nas seguintes instituições: Acar, Casemg, Cati, Emater, Banco do Brasil e Polícia Federal.

Quando o Colégio Agrícola de Uberlândia foi inaugurado ainda não possuía uma estrutura física adequada para receber os alunos. Não havia as instalações necessárias para o desenvolvimento das aulas práticas. Algumas instalações foram construídas pelos próprios alunos, outras foram se estabelecendo ao longo do curso, o que pode ter comprometido a qualidade das aulas práticas. Com relação às aulas teóricas, havia bastante conteúdo e cópia, como observado nos diários de classe e nos cadernos do aluno.

As disciplinas estavam em conformidade com as Leis Orgânicas do Ensino Agrícola e com a LDB 4.024/61. Concluimos que o currículo proporcionava uma formação técnica abrangente, pois contemplava o conhecimento teórico de agricultura e pecuária, até a fabricação e industrialização dos produtos, bem como as formas de administrar e contabilizar seus rendimentos.

Vimos que ao longo do curso a mudança de professores foi intensa, os fatores considerados responsáveis por essas alterações foram: mudanças no quadro diretivo do CAU, dificuldades financeiras, muitos professores ainda cursavam o ensino superior e as faculdades que cursavam não correspondiam com as matérias ministradas e que ainda possibilitavam carreira com melhor remuneração e localização, bem como, maior prestígio na sociedade, distância e dificuldade de acesso ao Colégio.

Vimos também que a oferta de vagas foi maior que a procura, foram oferecidas sessenta vagas e somente cinquenta e cinco foram preenchidas na primeira turma. A maioria desses alunos era proveniente de outras cidades, o que nos faz concluir que os uberlandenses não interessavam em estudar no Colégio Agrícola. Houve muita

desistência e 69% dos alunos que saíram residiam em Uberlândia. O motivo para tantas desistências repousavam no fato de o CAU possuir condições físicas precárias, ser distante da cidade e os alunos terem dificuldade de acesso. Além disso, os alunos tinham que lavar as próprias roupas e ainda fazer a faxina do prédio.

A maioria dos alunos atendidos na primeira turma do CAU vinha das classes menos abastadas, encontravam-se fora da idade escolar e muitos já haviam desistido de prosseguir os estudos.

Apesar das dificuldades atravessadas pela primeira turma, os ex-alunos consideram que sua formação foi excelente, pois receberam a base para a construção de suas carreiras profissionais. Os egressos atribuem o seu atual sucesso profissional à qualidade do ensino que receberam no Colégio Agrícola de Uberlândia.

Consideramos, no decorrer do texto, que as intenções das classes dirigentes de Uberlândia na construção do Colégio Agrícola eram de formar técnicos para sanar os problemas do setor agrícola brasileiro. Debatiam sobre a necessidade de mão de obra qualificada para este setor, que se encontrava marginalizado nas políticas públicas, que o Brasil era um País de economia agrícola e que se instaurava um novo processo produtivo em que urgia a implantação de técnicas modernas. Também havia o interesse de fixação do homem no campo, pois esse período se caracterizou por um intenso êxodo rural.

Não se pode assegurar que os objetivos traçados para o Colégio Agrícola não foram inteiramente conquistados, mesmo aqueles formandos que não seguiram a carreira de técnico agrícola estão, de certa forma, contribuindo para a melhoria da agricultura brasileira, no que se refere à produção e difusão de conhecimentos na área, como no caso dos professores de agricultura e de medicina veterinária.

Havia o desejo de que esses egressos trabalhassem diretamente no campo, como enfatizou João Cleofas: “quem planta é o técnico”. Mesmo que isso não tenha ocorrido, aqueles que seguiram carreira pública na Emater, na Acar, na Cati e na Casemg estão colaborando no desenvolvimento do setor primário. Apesar de a maioria não ter seguido a carreira de Técnico Agrícola, pode-se concluir que o Colégio cumpriu uma função social no que se refere à qualificação dos profissionais que lançou no mercado de trabalho não só em Uberlândia, mas em várias regiões do País.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contexto internacional, no início dos anos de 1930, se caracterizou pela crise mundial provocada pela quebra da bolsa de valores de Nova York. A economia brasileira nessa época estava baseada na agricultura de exportação e a indústria ainda era incipiente. A crise forçou o Brasil a criar um novo modelo de desenvolvimento econômico ancorado num processo de substituição de importações.

O processo de industrialização brasileiro ocorreu tardiamente se comparado aos países europeus, mas entre as décadas de 1930 e 1960, presenciamos um elevado investimento neste setor o que proporcionou um desenvolvimento acelerado. Contudo, paralelo ao crescimento da indústria ocorria a estagnação da agricultura. O setor primário permanecia com técnicas rudimentares de exploração e as suas demandas tecnológicas ainda eram bastante limitadas, o que dificultava o aumento da produção.

A agricultura estava colocada em segundo plano nas políticas brasileiras, apesar de ter papel importante no crescimento da economia. A partir da década de 1960 começou a ser debatida essa questão da marginalização do setor, devido as conseqüências que gerava para o País, tais como: êxodo rural, aumento dos preços dos produtos alimentícios, dificuldade de comercialização, armazenamento e transporte entre outros que já foram mencionados neste trabalho.

Muitos foram os fatores que mantiveram a agricultura em condição de atraso em relação à indústria, mas este trabalho se concentrou na questão das técnicas de produção que se mantinham arcaicas. Para se obter um aumento da produtividade era necessária a introdução de máquinas, de insumos modernos e de adoção de melhores práticas. Além da dificuldade de obtenção de recursos financeiros havia o problema da falta de qualificação da mão-de-obra para manusear essas técnicas modernas.

Vimos no decorrer do texto que não só a agricultura estava relegada ao segundo plano, como também o ensino voltado para esta área. Somente após a promulgação da Lei Orgânica do Ensino Agrícola, em 1946, que esse ramo de ensino passou a fazer parte do sistema educacional brasileiro. O objetivo da Lei era a preparação profissional do trabalhador agrícola e sua especialização para o aumento da eficiência e da produtividade.

Foi nesse contexto que se iniciaram as discussões para a instalação de uma escola superior de agronomia em Uberlândia, que após muitas ponderações, foi permitida a criação de uma escola agrotécnica com formação de nível médio.

Uberlândia teve seu desenvolvimento pautado na agricultura e no comércio que nos anos de 1950 se beneficiou dos planos desenvolvimentistas e industrializantes de Juscelino Kubitschek, tanto no governo de Minas Gerais como na Presidência da República. Devido sua posição geográfica privilegiada se transformou em ponto de entrecruzamento entre diversos estados com a região central do País, principalmente após a transferência da capital brasileira.

A partir de então a cidade começou a se expandir e a população urbana apresentou um aumento considerável. Dessa forma, foram surgindo projetos modernizantes que buscavam inseri-la no quadro da economia nacional. A criação do Colégio Agrícola de Uberlândia foi um desses projetos, o qual as classes dirigentes lutaram bastante para que se concretizasse. Qual era o interesse dessas classes na implantação de uma escola de ensino técnico agrícola de nível médio em um momento em que o país se encontrava no auge do modelo de substituição de importações, momento em que a indústria se expandia rapidamente?

Vimos que Uberlândia, desde sua origem carregava o ideário de cidade progressista e sempre lutou para seguir as políticas implementadas no País. No contexto nacional debatia-se sobre a necessidade de qualificação do trabalhador rural para que pudesse manusear as novas técnicas de produção. O crescimento do setor primário tem resultado direto na indústria, pois o primeiro é fornecedor de matérias-primas para fabricação de produtos industrializados e é fornecedor de alimento para a população urbana.

No estado de Minas Gerais já havia se instalado três colégios agrícolas, nas cidades de Barbacena, Florestal e Muzambinho. Outros foram fundados antes do Colégio Agrícola de Uberlândia nos municípios de Rio Pomba, Bambuí, Montes Claros e Januária. Como Uberlândia buscava sempre seguir as tendências do País, requisitava a instalação de seu colégio agrícola tal como as outras cidades.

O acordo para a criação do Colégio Agrícola de Uberlândia foi assinado em 1957, mas a inauguração da instituição só ocorreu doze anos depois, em 1969. A falta de recursos financeiros foi o principal motivo para o atraso das obras. O que se verificou através da análise das fontes é que o Colégio foi criado durante a presidência de

Juscelino Kubitschek, apesar de ele ter incentivado a sua criação durante o governo de Minas, seu período presidencial privilegiou o setor industrial e em relação ao setor primário buscou resolver apenas os problemas de infraestrutura.

As obras do Colégio se arrastaram e o convênio foi renovado em 1962. O governo de João Goulart apoiava a agricultura e considerava que a sua modernização seria essencial para o crescimento da economia. Nesse período vemos um avanço nas obras, mas é no governo militar que presenciamos uma aceleração. Nessa época Rondon Pacheco foi Ministro Chefe da Casa Civil e Virgílio Galassi se tornou Diretor do INDA. Como foi apresentado no segundo capítulo, várias autoridades políticas do Ministério da Agricultura e do MEC visitaram as obras do CAU, para avançar a sua fundação.

O CAU foi inaugurado em 1969 e a primeira aula ocorreu no dia 4 de agosto. O Colégio atendeu às classes menos favorecidas da sociedade, se baseamos nos relatos dos ex-alunos. A maioria deles afirmou que o que motivaram ingressar na instituição foi a gratuidade e por oferecer alimentação e moradia. O fato de fornecer uma formação para o mercado de trabalho também era relevante, pois queriam se qualificar e ter um emprego quando concluíssem o curso.

O ensino oferecido pelo CAU pode ser considerado de qualidade. Estava em consonância com as leis que normatizavam o ensino agrícola e vimos através dos diários de classe e dos cadernos dos alunos que os conteúdos eram ricos.

Os três anos de curso da primeira turma foi bastante conturbado pelas constantes trocas de diretores e professores. Havia um total de quinze disciplinas e passaram pela primeira turma vinte e seis professores. Os motivos para essas mudanças no quadro docente ocorreram devido os seguintes fatores: a escola era muito distante da cidade e as estradas de acesso eram precárias; havia professores que ainda estavam cursando o ensino superior; os professores não tinham a formação correspondente com a disciplina que ministravam e algumas formações possibilitavam empregos com maiores salários, maior prestígio na sociedade e melhor localização; a idade também influenciou, quase metade dos professores tinham menos de vinte e cinco anos.

Apesar da maioria dos professores não possuir licenciatura, as fontes revelam que a formação que os alunos receberam foi de qualidade. Vimos por meio da trajetória dos egressos que mais da metade dos entrevistados cursou ensino superior e relataram terem sido aprovados no primeiro vestibular que prestaram e a maioria também foi aprovada em concursos.

Pode-se dizer que os objetivos traçados para o Colégio foram em parte atendidos. O campo necessitava de técnicos para resolver os problemas que o setor agrícola passava na época, mas vimos que a minoria dos egressos não seguiu a carreira de técnicos agrícolas. Contudo, não podemos afirmar que esses ex-alunos não estão contribuindo para o desenvolvimento da agricultura, como foi falado, os egressos que não seguiram a carreira estão produzindo e divulgando conhecimento na área, no caso dos que se tornaram professores.

Cleofas não queria dar uma faculdade de agronomia para a cidade, porque os agrônomos buscavam empregos públicos, mas o que vimos foi uma grande quantidade de ex-alunos trabalhando em instituições públicas, como a Emater, a Acar, a Casemg e a Cati. Mas, para Uberlândia e para o País esses profissionais estão trabalhando e contribuindo para a modernização do setor.

Somente dois alunos entrevistados são produtores rurais atualmente, o interesse de fixação do homem no campo não foi concretizado. Isso pode ser visto no próprio alunado atendido, não eram filhos de produtores rurais e moravam na cidade quando ingressaram no Colégio. Depois de formados não poderiam adquirir uma propriedade rural, os que fizeram isso é porque seus pais já trabalhavam nesse ramo.

Os egressos que seguiram carreira completamente independente da formação de técnicos agrícolas podem não estar colaborando com o setor primário, mas estão contribuindo com o desenvolvimento do País em outros setores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Aluísio José. **Escolas Agrotécnicas Federais no Triângulo Mineiro: o dogmatismo político-pedagógico versus a formação humana e técnica**. 2000. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de educação – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, 2000.
- ALVES, Denysard O.; SAYAD, João. O Plano Estratégico de Desenvolvimento (1968-1970). In: LAFER, Betty Mindlin. **Planejamento no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1975, p. 90-110.
- AZEVEDO, Fernando de. **A Cultura Brasileira**. 5 ed. São Paulo: Melhoramentos, USP, 1971.
- BARBOSA, Jomar Magalhães. et al. Mudanças na Paisagem e Uso do Solo na Área Rural de Sobradinho, Uberlândia, MG. **Caminhos de Geografia**. Uberlândia, v. 7, n. 17, p. 180-191, fev. 2006. Disponível em: <http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/recursos/Mudancas_Paisagem_UberlandiaID-uatUg4dMmf.pdf>. Acesso em: 10 de junho de 2010.
- BARROS, José D'Assunção. **O Projeto de Pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- BECKER, Jean-Jacques. O Handicap do A Posteriori. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (Org.). **Usos e Abusos da História Oral**. 5 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002, p. 27-31.
- BOJUNGA, Claudio. **O Artista do Impossível**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- CARVALHO, Rosana A. de; ALVES FILHO, Elói. O Papel da Associação Comercial, Industrial e Agropecuária na Industrialização de Uberlândia: 1950-1970. **História e Perspectivas**. Uberlândia, MG, n. 22, p. 115-142, jan./jun. 2000.
- CENAFOR. **Aspectos da Situação Rural Brasileira**. São Paulo, 1970. Projeto 03/70. Treinamento de Assessores Técnicos do PIPMO para o Setor Agrícola.
- CENAFOR. Divisão de Pesquisa e Desenvolvimento. **Escolas de 2º grau da área primária no Brasil: um estudo quantitativo: estabelecimento**. São Paulo, 1975. (Relatório DPD-1975, v. 1). Projeto n. 01/808/003/74, convênio Cenafor/Inep.
- DAMASCENO, Lylia Simonassi. **Retrospectiva Histórica da Escola Agrotécnica Federal de Uberlândia**. Uberlândia: [s.n], 1991.
- DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Algumas Reflexões Sobre a Pesquisa Histórico-Sociológica Tendo Como Objetivo a Educação da População Brasileira. In: SAVIANI, Dermeval, et al. (Org.). **História e História da Educação: o debate teórico metodológico atual**. 2 ed. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR, 2000.
- DULCI, Otavio Soares. **Política e Recuperação Econômica em Minas Gerais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

FRANÇOIS, Etienne. A Fecundidade da História Oral. In: FERREIRA, Marieta de morais; AMADO, Janaína. **Usos e Abusos da História Oral**. 5 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

GATTI, Giseli Cristina do Vale; INÁCIO FILHO, Geraldo. A Escola Estadual de Uberlândia na Perspectiva das Representações Sociais (1929-1950). **Caderno de História da Educação**. Uberlândia, MG, n. 1, v. 1, p. 55-58, jan./dez., 2002.

GERMANO, José Willington. **Estado Militar e Educação no Brasil (1964-1985)**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

GONÇALVES NETO, Wenceslau. **Estado e Agricultura no Brasil: política agrícola e modernização econômica brasileira 1960-1980**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

_____. Imprensa, civilização e educação: Uberabinha (MG) no início do século XX. In: ARAÚJO, José Carlos; GATTI JR., Décio. (Org.). **Novos temas em História da educação Brasileira**. Campinas-SP: Autores Associados; Uberlândia: UDUFU, 2002, p.207-208.

GUIMARÃES, Eduardo Nunes. A Transformação Econômica do Sertão da Farinha Podre: o Triângulo Mineiro na divisão inter-regional do trabalho. **História e Perspectivas**. Uberlândia, MG, n. 4, p. 7-35, jan./jun. 1991.

GVIRTZ, Silvina; LARRONDO, Marina. Os Cadernos de Classe Como Fonte Primária de Pesquisa: alcances e limites teóricos [...]. In: MIGNOT, Ana Chrystina Vanancio (Org.). **Cadernos à Vista: escola, memória e cultura escrita**. Rio de Janeiro: EduERJ, 2008, p. 35-48.

IANNI, Octavio. **Ditadura e Agricultura: o desenvolvimento do capitalismo na Amazônia: 1964-1978**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

LESSA, Carlos. **Quinze Anos de Política Econômica**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. Muito Aquém do Paraíso: ordem, progresso e disciplina em Uberlândia. **História e Perspectivas**. Uberlândia, MG, n. 4, p. 37-73, jan./jun., 1991.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. **Tecendo Nexos: história das instituições educativas**. Bragança Paulista: EDUSF, 2004.

_____. Breve Apontamento para a História das Instituições Educativas. In: SANFELICE, José Luís. et al. (org.). **História da Educação: perspectivas para um intercâmbio internacional**. Campinas: Autores Associados, 1999, p. 67-72.

MANFREDI, Maria Silvia. **Educação Profissional no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002.

MESQUITA, Fernando Campos. **A Configuração do Território para o Setor Agroindustrial na Cidade de Uberlândia [...]**. In: XIX Encontro anual de geografia agrária. São Paulo, 2009, p. 1-25. Disponível em: <<http://www.geografia.fflch.usp.br/>>. Acesso em 21 de outubro de 2010.

MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck. Os Arquivos e Fontes Como Conhecimento da História das Instituições Escolares. In: NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. et al. (org.). **Instituições Escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica**. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR; Sorocaba, SP: UNISO; Ponta Grossa, PR: UEPG, 2007, p. 31-38.

_____. (Re) Leitura do Ensino Através da Imprensa Jornalística: uma abordagem sócio-histórica (Uberlândia-MG 1940-1960). **Educação e Filosofia**. Edufu: Uberlândia, MG, v. 17, n. 34, p. 165-205, jul./dez. 2003.

NOBREGA, Vandick Londres da. **Enciclopédia da Legislação do Ensino**. V. 3. Termo II. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1967.

NOSELLA, Paolo; BUFFA, Ester. **As Pesquisas Sobre Instituições Escolares: balanço crítico**. In: Histedbr, navegando na história. Disponível em <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_frames/artigo_088.html>. Acesso em: 21 de novembro de 2009.

NUNES, Leandro José. **Cidade e Imagens: progresso, trabalho e quebra-quebras, Uberlândia 1950-1960**. 1993. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de História – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1993.

OLIVEIRA, Selmane Felipe de. **Crescimento Urbano e Ideologia Burguesa: estudo do desenvolvimento capitalista em cidades de médio porte: Uberlândia (1950-1985)**. Uberlândia, MG: Rápida Editora, 2002.

PAIVA, Ruy Miller. Apreciação Geral Sobre o Comportamento da Agricultura Brasileira. In: ARAÚJO, P. F. C. de; SCHUH, G. E. (Org.). **Desenvolvimento da Agricultura: estudos de casos**. São Paulo: Pioneira, 1975-1983, p. 155-212.

RODRIGUES, Jane de Fátima Silva. **Trabalho, Ordem e Progresso: uma discussão sobre a trajetória da classe trabalhadora uberlandense – o setor de serviços – 1924-1964**. 1989. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil (1930/1973)**. 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

SANFELICE, José Luís. História das Instituições Escolares. In: NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. et al. (org.). **Instituições Escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica**. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR; Sorocaba, SP: UNISO; Ponta Grossa, PR: UEPG, 2007, p. 75-93.

SANTOS, Jailson Alves dos. A Trajetória da Educação Profissional. In: LOPES, E.M.T. et al (org.). **500 Anos de Educação no Brasil**. 2 ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2003.

SAVIANI, Dermeval. **História da Idéias Pedagógicas no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

SILVA, Marta Leandro da. **A Reforma da Educação Profissional de Nível Técnico: impasses e impactos sobre o Ensino Técnico Agrícola no Estado de São Paulo**. 2002.

Dissertação (Mestrado) – Centro de Educação e Ciências Humanas – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2002.

SOARES, Beatriz Ribeiro. **Habitação e Produção do Espaço em Uberlândia**. 1988. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.

SOBRINHO, Vicente Batista de; INÁCIO FILHO, Geraldo. Imprensa e Massificação do Ensino em Minas Gerais: preliminares do percurso histórico (1940-1960). **Cadernos de História da Educação**. Uberlândia, MG, v. 1, n. 1, p. 127-132, jan./dez. 2002.

SOUZA, Rosa Fátima de. **História da Organização do Trabalho Escolar e do Currículo no Século XX: ensino primário e secundário no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2008.

SKIDMORE, Thomas E. **Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-1964)**. Tradução Ismênia Tunes Dantas. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

_____. **Brasil: de Castelo a Tancredo, 1964-1985**. Tradução Mario Salviano Silva. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SMITH, Gordon W. A Política Agrícola Brasileira, 1950-1967. In: ARAÚJO, P. F. C. de; SCHUH, G. E. (Org.). **Desenvolvimento da Agricultura: estudos de casos**. São Paulo: Pioneira, 1975-1983, p. 213-256.

TAVARES, Maria da Conceição. **Da Substituição de Importações ao Capitalismo Financeiro: ensaios sobre a economia brasileira**. 9 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

VINÃO, Antonio. Os Cadernos Escolares Como Fonte Histórica: aspectos metodológicos e historiográficos. In: MIGNOT, Ana Chrystina Vanancio (Org.). **Cadernos à Vista: escola, memória e cultura escrita**. Rio de Janeiro: EduERJ, 2008, p. 15-33.

WEREBE, Maria José Garcia. **Grandezas e Misérias do Ensino no Brasil**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.

REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS

AGROTÉCNICA na Assembléia de MG. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 2 jun. 1959, n. 40, p. 1.

ÁGUAS minerais de Sobradinho. **Anuário Uberlandense**. Uberlândia, 1958, p. 47-48.

ARANTES, Eugênio Pimentel. **[carta]**. Uberlândia, 23.09.1959. Carta a Rondon Pacheco solicitando providências para a liberação de verbas para a construção da Escola Agrotécnica de Uberlândia.

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL, INDUSTRIAL E AGROPECUÁRIA DE UBERLÂNDIA, ACIAPU. **Ata da reunião realizada no dia 18 jul. 1957**. Uberlândia, 1957. Livro 14, Atas n. 816-883 de 2 de fev. 1956 a 8 ago. 1957, p. 188.

_____. **Ata da reunião realizada no dia 16 jan. 1958**. Uberlândia, 1958. Livro 15, Atas n. 884-927 de 8 de ago. 1957 a 15 mai. 1958, p. 120.

_____. **Ata da reunião realizada no dia 11 fev. 1959**. Uberlândia, 1959. Livro 16, Atas n. 928-982 de 20 de mai. 1958 a 11 ago. 1959, p. 172.

_____. **Ata da reunião realizada no dia 28 abr. 1959**. Uberlândia, 1959. Livro 16, Atas n. 928-982 de 20 de mai. 1958 a 11 ago. 1959, p. 212.

_____. **Ata da reunião realizada no dia 23 ago. 1960**. Uberlândia, 1960. Livro 17, Atas n. 983-1053 de 12 de ago. 1959 a 2 mai. 1961, p. 153 e 180.

_____. **Ata da reunião realizada no dia 8 nov. 1960**. Uberlândia, 1960. Livro 17, Atas n. 983-1053 de 12 de ago. 1959 a 2 mai. 1961, p. 169.

_____. **Ata da reunião realizada no dia 20 ago. 1963**. Uberlândia, 1963. Livro 19, Atas n. 1159-1251 de 22 de maio 1963 a 28 ago. 1963, p. 161.

AULAS do Agrícola dia 1º de setembro. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 18 ago. 1970, n. 65, p. 1.

BRASIL. Decreto-lei nº 9.613, de 20 de agosto de 1946. Lei Orgânica do Ensino Agrícola. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Rio de Janeiro, DF, 20 ago. 1946. Disponível em: <<http://www.domtotal.com>>. Acesso em: 16 de março de 2010.

BRASIL. Lei nº 1.076, de 31 de março de 1950. Assegura aos estudantes que concluírem curso de primeiro ciclo do ensino comercial, industrial ou agrícola, o direito à matrícula nos cursos clássico e científico, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Rio de Janeiro, DF, 31 mar. 1950. Disponível em: <www.prolei.inep.gov.br/index.jsp>. Acesso em 15 de setembro de 2010.

BRASIL. Lei nº 1.821, de 12 de março de 1953. Dispõe sobre o regime de equivalência entre diversos cursos de grau médio para efeito de matrícula no ciclo colegial e nos

cursos superiores. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Rio de Janeiro, DF, 12 mar. 1953. Disponível em: <www.jusbrasil.com.br>. Acesso em 15 de setembro de 2010.

BRASIL. Decreto nº 42.054, de 19 de agosto de 1957. Aprova o regulamento para registro de professores dos estabelecimentos de ensino agrícola. **Diário oficial [da] República Federativa do Brasil**, Rio de Janeiro, DF, 19 ago. 1957. Disponível em: <www.prolei.inep.gov.br/index.jsp>. Acesso em 15 de setembro de 2010.

BRASIL. Ministério da Agricultura. Termo de Acordo celebrado entre o Governo da União e o do Estado de Minas Gerais para instalação de uma Escola Agrotécnica no Município de Uberlândia. **Diário Oficial da União (Seção 1)**. Rio de Janeiro, DF, 23 out. 1957, ano XCVI, n. 244 p. 48.

BRASIL. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 20 dez. 1961. Disponível em: <<http://www.prolei.inep.gov.br/index.jsp>>. Acesso em: 17 de março de 2010.

BRASIL. Decreto nº 53.558, de 13 de fevereiro de 1964. Altera a denominação de escolas de iniciação agrícola, agrícolas e agrotécnicas. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 13 fev. 1964. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br>>. Acesso em: 27 de maio 2010.

BRASIL. Decreto-lei nº 60.731, de 19 de maio de 1967. Transfere para o Ministério da Educação e Cultura os órgãos de ensino do Ministério da Agricultura e dá outras providências. **Diário oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 19 maio 1967. Disponível em: <www.prolei.inep.gov.br/index.jsp>. Acesso em 15 de setembro de 2010.

BRASIL. Decreto-lei nº 63.788, de 12 de dezembro de 1968. Regulamenta a Lei nº 5.465, de 3 de julho de 1968, que dispõe sobre o preenchimento de vagas nos estabelecimentos de ensino agrícola. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 12 dez. 1968. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br>>. Acesso em: 12 de maio 2010.

BRASIL. Lei nº 5.524, de 5 de novembro de 1968. Dispõe sobre o exercício da profissão de Técnico Industrial de Nível Médio. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 5 nov. 1968. Disponível em: <<http://app.crea-rj.org.br/portalcraev2midia/documentos/lei5524.pdf>>. Acesso em: 11 de junho de 2010.

BRASIL. Decreto-Lei nº 869, de 12 de agosto de 1969. Dispõe sobre a inclusão da educação moral e cívica como disciplina obrigatória, nas escolas de todos os graus e modalidades, dos sistemas de ensino do país, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 12 ago. 1969. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br>>. Acesso em: 10 de agosto de 2010.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Diretoria do Ensino Secundário. **Consolidação da Legislação do Ensino Secundário, após a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1969. Disponível

em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002475.pdf>>. Acesso em: 20 de junho de 2010.

BRASIL. Projeto de Lei nº 3.775 de 23 de julho de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 23 jul. 2008. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br>>. Acesso em: 21 de junho de 2010.

CÂMARA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA. **Ata da reunião realizada no dia 6 ago. 1964**. Uberlândia, 1964. Livro 66, p. 36. Arquivo Público de Uberlândia.

_____. **Ata da reunião realizada no dia 7 ago. 1964**. Uberlândia, 1964. Livro 66, p. 40. Arquivo Público de Uberlândia.

_____. **Ata da reunião realizada no dia 10 ago. 1964**. Uberlândia, 1964. Livro 66, p. 41. Arquivo Público de Uberlândia.

_____. **Ata da reunião realizada no dia 10 ago. 1964**. Uberlândia, 1964. Livro 66, p. 94. Arquivo Público de Uberlândia.

_____. **Ata da reunião realizada no dia 15 set. 1964**. Uberlândia, 1964. Livro 67, p. 4. Arquivo Público de Uberlândia.

_____. **Ata da reunião realizada no dia 3 maio 1964**. Uberlândia, 1964. Livro 70, p. 199. Arquivo Público de Uberlândia.

CAU receberá trezentos alunos. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 25 abr. 1968, n. 59 B, p. 1.

COLÉGIO Agrícola: conclusão em 1966. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 3 jun. 1966, n. 55, p. 1.

COLÉGIO Agrícola. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 26 nov. 1968, n. 60, p. 3.

COLÉGIO Agrícola de Uberlândia. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 9 maio 1969, n. 62, p. 6.

COLÉGIO Agrícola em dificuldade por verbas. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 30 jul. 1970, n. 65, p.1.

COLÉGIO Agrícola soluciona casos. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 9 set. 1970, n. 65, p. 1.

COLÉGIO Agrícola dispensa alunos por falta de verba. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 4 mar. 1971, n. 66, p. 1.

COLÉGIO Agrícola obteve quatrocentos mil dólares do BID. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 20 abr. 1971, n. 66, p. 1.

COLÉGIO Agrícola tem novo diretor. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 7 dez. 1971, n. 66, p. 1.

COLÉGIO Agrícola forma 1ª turma: 33 técnicos. **O Triângulo**. Uberlândia, 25 maio 1972.

COLÉGIO Agrícola sai breve: tem convênio. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 14 nov. 1967, n. 58, p. 1.

COLÉGIO Agrícola tem verba de 12 milhões. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 19 set. 1965, n. 54, p. 1.

COLÉGIO Agrícola: uma grande escola técnica. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 22 nov. 1969, n. 63, p. 1.

DELEGADO do MA visitou Escola Agrotécnica. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 6 maio 1966, n. 55, p. 1.

DR. ZENAIDE veio inspecionar Colégio. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 19 maio 1966, n. 55, p. 1.

ENCICLOPÉDIA Brasileira Mérito. v. 10. São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre: Editora Mérito, 1971, p. 698.

_____. v. 20. São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre: Editora Mérito, 1971, p. 725.

ESCASSEZ de agrônomos. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 10 jan. 1952, n. 26, p. 2.

ESCOLA Agrotécnica de Uberlândia ou de Uberaba?. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 6 mar. 1953, n. 34, p. 1.

EM BREVE iniciar-se-ão as obras da Escola Agro-Técnica de Uberlândia. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 3 jan. 1954, n. 30, p. 1.

ESCOLA Agrotécnica em ritmo de progresso. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 12 out. 1961, n. 45, p. 8.

FALTA pouco para a construção da Escola Agrotécnica. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 21 abr. 1956, n. 34, p. 1.

FALTAM vinte e oito milhões para terminar a Escola Agrotécnica. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 28 ago. 1963, n. 49, p. 1.

FERREIRA, Joaquim. **[carta]**. Uberlândia, 17.07.1959. Carta enviada ao Congresso Regional Industrial solicitando providências nas obras da Escola Agrotécnica de Uberlândia.

FERREIRA, Joaquim. et al. **[carta]**. Uberlândia, 15.10.1967. Carta enviado ao Deputado Vasconcelos Costa solicitando andamento das obras do Colégio Agrícola de Uberlândia.

GONÇALVES Azevedo visitou Colégio Agrícola: levará relatório. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 28 dez. 1965, n. 54, p. 1.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, IBGE. 1957.
Disponível em:

<http://www.estacoesferroviarias.com.br/mogiana_triangulo/mapas/uberlandia.jpg>
Acesso em: 16 de junho de 2010.

INSTITUTO Agrônomo para Uberlândia. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 16 jul. 1957, p. 2.

NESTE semestre Colégio Agrícola em funcionamento. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 30 jan. 1969, n. 62, p. 1.

O ENSINO Agrícola ao alcance de todos. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 26 fev. 1947, ano X, n. 2100, p. 4.

PACHECO, Rondon. **[carta]**. Uberlândia, 11.09.1959, carta enviada ao Diretor da Escola afirmando estar tomando providências para obtenção das verbas junto ao Superintendente da Seav.

PEREIRA, Joaquim. Águas Medicinais nas Terras da Escola Agro Técnica. **7 Dias**. Uberlândia, 2 jun. 1957, ano 1, n. 4, p. [...].

PROTESTA Rondon contra o congelamento de uma verba para a Escola Agrotécnica. **Correio de Uberlândia**, 26 jun. 1956, n. 34, p. 1.

RODRIGUES, José. et al. **[carta]**. Uberlândia, [1957-1961], carta de um grupo de moradores da Fazenda Sobradinho reivindicando a instalação da Escola Agrotécnica de Uberlândia.

RONDON inaugura Colégio Agrícola e traz Tarso e Arzua. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 4 abr. 1969, n. 62, p. 1.

SAIRÁ também de Uberlândia nossa Escola Agrotécnica?. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 23 fev. 1956, n. 34, p. 1.

UMA grande vitória de Uberlândia. **Correio de Uberlândia**, 9 maio 1953, n. 28, p. 1.

UMA instituição modelar: Colégio Agrícola de Uberlândia. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 3 jan. 1970, n. 64, p. 6.

UBERLÂNDIA forma técnicos para o Brasil. **Correio de Uberlândia**, 27 maio 1972, n. 70, p. 2.

APÊNDICE

APÊNDICE I

ROTEIRO DE ENTREVISTA DOS ALUNOS

VISAO DE ALUNO

1. Como o aluno do curso profissionalizante era visto pelos outros alunos que freqüentavam o ensino regular?
2. Como o aluno do Colégio Agrícola era visto pela comunidade?

VISAO DE ESCOLA

1. Como a Escola era vista pela comunidade?
2. Como a escola era vista por você enquanto aluno?
3. Como a escola era vista pelo professor?

VISAO DE ENSINO PROFISSIONALIZANTE

1. Como você percebia o ensino agro-técnico oferecido pela Escola?
2. Como a comunidade via esse ensino agro-técnico? (Sabe-se que a criação da Escola era um sonho que a elite do município de Uberlândia já acalentava desde 1922, sendo que tal ideal só se realizou em 1969)
3. Porque esse interesse em implantar o ensino agro-técnico em Uberlândia? Que motivos levaram à construção dessa escola?

PRECEDENTES

1. Quais as razões que influenciaram a fazer um curso técnico em agropecuária?
2. Qual a ocupação dos pais quando ingressou no colégio?
3. Em que cidade morava antes de ingressar no colégio?
4. Como ficou sabendo da existência do colégio?
5. Qual o grau de instrução dos pais e a renda familiar na época?
6. Que curso havia feito no ginásio?

NORMAS

1. Enquanto aluno, que normas eram estipuladas pela escola?
2. Qual sua opinião sobre essas normas?
3. Como os alunos reagiam a essas normas?

INTERESSES

1. Os alunos manifestavam interesse em sala de aula?
2. Os alunos se interessavam mais pelas aulas teóricas ou pelas práticas?
3. Como era sua participação em sala de aula?

COMPORTAMENTO

1. Como era o seu relacionamento com os professores?
2. Como era o seu relacionamento com a direção da escola?

3. Havia interação entre o professor e os familiares do aluno? Como?
4. Como era o seu relacionamento com os colegas?

PRÁTICAS ESCOLARES

1. Como era dado o conteúdo em sala de aula?
2. Que materiais e recursos eram usados pelo professor em sala de aula?
3. Houve alguma desistência?
4. Quais as comemorações escolares (cívicas e religiosas) realizadas na escola?
5. Como era o cotidiano dos alunos na escola?
6. Como se dava a distribuição de horários e a disciplina organizacional da escola?
7. Como era o recreio? Que atividades os alunos faziam durante o horário de recreio? Havia vigilância dos alunos?
8. Qual o tempo despendido às aulas práticas? E às teóricas?
9. Como eram dadas as aulas práticas?
10. Quais as disciplinas ministradas?
11. Quais materiais utilizados? Quais eram comprados por você e quais fornecidos pelo Colégio?
12. Como era o meio de transporte para se chegar na escola? Quais as condições das ruas?

ESPAÇO FÍSICO (aspectos estéticos e funcionais)

1. Você considerava o espaço físico da escola adequado?
2. Que parte da escola era mais usada pelo aluno?
3. Havia espaços na escola que eram proibidos ao aluno de freqüentar?
4. Quais as condições dos alojamentos? Como funcionava a distribuição dos alunos?
5. Como era o refeitório?
6. Os alunos utilizavam uniformes? Como era a lavanderia?

REPRESENTAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO

1. Na época, que representações você tinha de educação?
2. Como você via a educação que recebia na escola?
3. Havia integração entre as aulas práticas e as teóricas? Como se dava essa integração?
4. O que era mais valorizado na escola? As aulas práticas ou as teóricas?

EGRESSO

1. O curso correspondeu ao que você esperava?
2. Trabalhou no ramo? Quando e como conseguiu o primeiro emprego? Há quanto tempo ficou neste emprego? Atual ocupação? Quais as funções exercidas?

APÊNDICE II

MAPEAMENTO DO JORNAL CORREIO DE UBERLÂNDIA (1952 a 1972)

FONTE	DATA	PÁG.	TÍTULO
Jornal Correio nº 26	10/01/52	2	Escassez de Agrônomos.
Idem	22/01/52	1	Instituto Brasileiro de Ensino e Organização Agrotécnica. Sua Instalação Sábado Em Uberlândia. Resoluções adotadas
Jornal Correio nº 28	06/05/53	1	Talvez Seja Mesmo Uma Realidade a Escola Superior de Agronomia de Uberlândia.
Idem	09/05/53	1	Uma Grande Vitória de Uberlândia.
Jornal Correio nº 29	13/10/53	1	Escola de Agronomia de Uberlândia
Jornal Correio nº 30	03/01/54	1	Em Breve Iniciar-se-ão as Obras da Escola Agro-Técnica de Uberlândia
Idem	07/03/54	2	O Caso Cleofas
Jornal Correio nº 31	27/08/54	1	Escola Agro-Técnica de Uberlândia
Jornal Correio nº 34	23/02/56	1	Sairá Também de Uberlândia Nossa Escola Agrotécnica?
Idem	06/03/56	1	Escola Agrotécnica De Uberlândia Ou De Uberaba?
Idem	21/04/56	1	Falta Pouco Para a Construção da Escola Agrotécnica
Idem	24/06/56	1	Protesta Rondon Contra o Congelamento de Uma Verba Para a Escola Agrotécnica
Correio nº 35	2º semest 1956	-	EM RESTAURAÇÃO
Correio nº 36	1º semest 1957	-	EM RESTAURAÇÃO
Jornal Correio nº 37	13/07/57	2	Instituto Agronômico do Triângulo Mineiro
Idem	14/07/57	6	O Ministro da Agricultura e o Instituto Agronômico
Idem	16/07/57	2	Instituto Agronômico para Uberlândia
Idem	09/08/57	1	Em Favor do Instituto Agronômico
Idem	19/09/57	1	Finalmente: Escola Agrotécnica
Idem	21/09/57	6	Instituto Agronômico para Uberlândia
Idem	29/10/57	1	Escola Agrotécnica de Uberlândia
Idem	15/12/57	1	Doação Da Fazenda Sobradinho ao Governo da União
Idem	21/12/57	10	Escola Agrotécnica: Doação da Fazenda
Jornal Correio nº 38	04/01/58	1	Passada Escritura do Sobradinho: Escola Agrotécnica
Idem	11/03/58	1	Ministro da Agricultura (Meneghetti) Visitou Ontem a Cidade
Idem	11/03/58	1	Obra Necessária: Instituto Agronômico na Cidade
Idem	10/05/58	1	Rondon Pacheco Obtém Valiosas Verbas para a Cidade
Idem	13/05/58	1	Situação Do Ensino no Estado é Calamitosa
Correio nº 39	2º semest 1958	-	EM RESTAURAÇÃO
Jornal Correio nº 40	08/02/59	1	Nomeado Executor das Obras da Escola Agrotécnica
Idem	17/02/59	1	Prefeito Quer Reorganizar o Ensino Em Uberlândia
Idem	21/04/59	1	Ministro Mario Meneghetti Em Uberlândia
Idem	30/04/59	1	Meneghetti Trabalhará Pela Agronomia
Idem	02/06/59	1	Agrotécnica na Assembléia de MG
Idem	25/06/59	6	Convênio Assinado pela Associação Rural
Correio nº 41	2º semest 1959	-	EM RESTAURAÇÃO
Jornal Correio nº 42A	21/02/60	1	As Bases da Educação
Jornal Correio nº 42B	08/05/60	1	Motivos: Paralisação da Escola Agrotécnica de Uberlândia
Jornal Correio nº 43	26/07/60	8	Emendas de Rondon Pacheco: Mais Verbas Para Uberlândia
Idem	27/12/60	1	Banlavoura: 3 Milhões para Agrotécnica
Jornal Correio nº 44	09/03/61	1	Escola Agrotécnica Pronta no Ano Que Vem
Jornal Correio nº 45	24/09/61	1	Atividades de Rondon Pacheco em Favor de Uberlândia: Objetivas
Idem	26/09/61	1	Plano: Agrotécnica Aprovado Para 62
Idem	30/09/61	1	Rondon Remeteu Cheque Prestação Da Escola Agrotécnica: Dívida Atrasada
Idem	12/10/61	8	Escola Agrtécnica em Ritmo de Progresso
Jornal Correio nº 46	17/05/62	1	Governador Encaminha a A.L. Pedido de Verba Escola Agrotécnica
Correio nº 47	2º semest 1962	-	EM RESTAURAÇÃO
Jornal Correio nº 48	30/05/63	1	ACI Vai Pedir Verbas para Continuar a Agrotécnica
Jornal Correio nº 49	18/07/63	1	Escola Agrotécnica vai Receber Verba
Idem	13/08/63	1	Eugênio Hoje na Reunião: ACI
Idem	17/08/63	1	Eugênio Arantes no Rio e B. Horizonte
Idem	20/08/63	1	Eugênio Hoje na A. Comercial
Idem	22/08/63	1	Faltam Vinte e Oito Milhões Para Terminar a Escola Agrotécnica
Idem	24/09/63	1	Agrotécnica Verbas Empenhadas

Correio nº 50	2º semest de 1963	-	Nenhum artigo encontrado.
Correio nº 51	1º semest de 1964	-	Nenhum artigo encontrado.
Jornal Correio nº 52	14/08/64	1	Escola Agrotécnica Não Saiu Porque Verbas Não Chegaram
Idem	11/09/64	1	Eugênio Arantes Vai Falar hoje na CM
Idem	22/09/64	1	Agrotécnica Tem 25 Milhões Em Brasília
Idem	17/10/64	1	Agrotécnica Vai Ter Obras Reiniciadas
Idem	06/12/64	6	Instituto De Zootecnia e Indústria Pecuária "Fernando Costa"
Jornal Correio nº 53	06/05/65	3	Escola Agrotécnica
Idem	13/06/65	1	Agrotécnica Preocupa a População Uberlandense
Jornal Correio nº 54	03/08/65	3	Assim Pensamos...
Idem	19/09/65	1	Colégio Agrícola Tem Verba De 12 Milhões
Idem	28/11/65	1	Colégio Agrícola "Concluída a Cobertura"
Idem	21/12/65	1	Instala-se Amanhã a Delegacia de Ensino
Idem	28/12/65	1	Gonçalves Azevedo Visitou Colégio Agrícola: Levará Relatório
Jornal Correio nº 55	03/03/66	1	Colégio Agrícola: Conclusão Ainda Este Ano
Idem	06/05/66	1	Delegado do MA Visitou Escola Agrotécnica
Idem	19/05/66	1	Dr. Zenaide Veio Inspeccionar Colégio
Idem	03/06/66	1	Colégio Agrícola: Conclusão em 1966
Idem	21/06/66	1	Colégio Agrícola: Obras Serão Reiniciadas Breve
Jornal Correio nº56A	17/07/66	1	Saiu Concorrência pra Terminar Agrotécnica
Jornal Correio nº56B	13/10/66	1	Colégio Agrícola: Obras Vão Ser Reiniciadas Breve
Idem	15/12/66	1	Saiu Verba Para Terminar Colégio Agrícola: Rondon
Idem	30/12/66	1	Dr. Walter Sauer Vem Ver Obras Colégio Agrícola
Correio nº 57	1º semest 1967	-	EM RESTAURAÇÃO
Jornal Correio nº 58	28/07/67	1	Terminadas Obras do Nosso Colégio Agrícola
Idem	31/08/67	3	Panorama do Ensino Em Uberlândia
Idem	07/09/67	1	Ivo Arzua é Favorável a Verbas para o Colégio Agrícola
Idem	14/11/67	1	Colégio Agrícola Sai Breve: Tem Convênios
Jornal Correio nº59A	14/01/68	1	Saiu Convênio para Instalar Colégio Agrícola
Idem	15/02/68	1	Eugênio Trouxe Cheque para Colégio Agrícola
Idem	18/02/68	1	INDA Fez Doação Para Terminar C. Agrícola
Jornal Correio nº59B	25/04/68	1	CAU Receberá Trezentos Alunos
Jornal Correio nº 60	12/07/68	1	No Plano Internacional o Colégio Agrícola
Jornal Correio nº 61	19/11/68	1	Vieira Gonçalves: Direção Colégio
Idem	26/11/68	3	Colégio Agrícola
Jornal Correio nº 62	30/01/69	1	Neste Semestre Colégio Agrícola em funcionamento
Idem	04/04/69	1	Rondon Inaugura Colégio Agrícola e Traz Tarso e Arzua
Idem	09/05/69	6	Colégio Agrícola De Uberlândia
Jornal Correio nº 63	15/07/69	3	Virgílio Galassi Visita Colégios Agrícolas
Idem	21/11/69	1	Colégio Agrícola: Uma Grande Escola Agrícola
Jornal Correio nº 64	03/01/70	6	Uma Instituição Modelar: Colégio Agrícola De Uberlândia
Jornal Correio nº 65	30/07/70	1	Colégio Agrícola Em Dificuldade Por Verbas
Idem	31/07/70	1	Colégio Agrícola Inicia Aulas em Setembro
Idem	18/08/70	1	Aulas do Agrícola dia 1º de Setembro
Idem	28/08/70	7	Condução para Colégio Agrícola Sai da Antiga Estação
Idem	09/09/70	1	Colégio Agrícola Soluciona Casos
Jornal Correio nº 66	04/03/71	1	Colégio Agrícola Dispensa Alunos Por Falta de Verba
Idem	08/04/71	3	Migliorini Interessado no Problema do C.A.U.
Idem	20/04/71	1	Colégio Agrícola Obteve Quatrocentos Mil Dólares do BID
Jornal Correio nº 67	08/08/71	3	A Reforma do Ensino
Jornal Correio nº 68	17/11/71	18	Colégio Agrícola Fará Curso de Suinocultura
Idem	05/12/71	1	Alunos do CAU Tem Curso de Extensão Pela ACAR
Idem	07/12/71	1	Colégio Agrícola Tem Novo Diretor
Jornal Correio nº 69	10/02/72	1	BID Vai Ajudar o Colégio Agrícola
Idem	15/02/72	3	MEC Apoiará o Ensino Agrícola
Jornal Correio nº 70	13/04/72	6	CAU Forma Este Ano 33 Novos Técnicos Agrícolas
Idem	28/04/72	3	Colégio Agrícola Prepara Sua Primeira Festa de Formatura
Idem	27/05/72	8	Uberlândia Forma Técnicos Para O Brasil

APÊNDICE III

MAPEAMENTO DAS ATAS DA CMU (1950 A 1972)

ANO	ATA	D/M	PG	AGENTE	ASSUNTO
1954	-	05/05	90	André Fonseca Ferreira	O vereador André Fonseca Ferreira apresenta indicação no sentido de ser solicitado ao Sr. Secretário da Agricultura do Estado de Minas Gerais, por telegrama, providências pela remessa à Assembléia Legislativa para aprovação, o convênio firmado com o governo Federal para a criação de uma Escola Agro-Técnica em Uberlândia. Não tendo sido discutida, é a indicação aprovada.
1955	-	09/11	66	Ronan Mendonça Ribeiro	São votadas e aprovadas, sem discussão, as indicações seguintes: de autoria do vereador Ronan Mendonça Ribeiro solicitando remessa de ofício do Senhor Reitor da Universidade Católica de Minas Gerais sugerindo a criação de uma escola de Agricultura e Veterinária nesta cidade.
1964	66	05/08	33	Herculano Rodrigues Naves	Ocupa a tribuna e chama a atenção sobre a paralisação das obras da Escola Agrotécnica. Urge providências dos senhores vereadores para dar andamento às obras. O Brasil precisa de técnicos para resolver o problema rural do país. Solicitava ao Sr. Presidente que nomeasse uma comissão de três vereadores com a finalidade de se for necessário ir procurar o Exmo Sr. Presidente da República e o Ministro da Agricultura para dar solicitações ao caso.
1964	66	06/08	36	Herculano Rodrigues Naves	Chama a atenção dos senhores vereadores para o caso da Escola Agrotécnica. Afirma que a Associação Rural Uberlandense, a Cooperativa dos Produtores de Suínos e o Jornal Correio Católico estão dando apoio a sua pessoa nessa campanha. Pretende convocar a imprensa falada e escrita de Uberlândia a lutar em favor do reinício das obras da Escola Agrotécnica.
1964	66	07/08	40	Herculano Rodrigues Naves	No dia anterior afirmou que pediria o afastamento do diretor da Escola Agrotécnica se ficar demonstrado que este senhor está entravando o andamento das obras da referida escola. A Câmara não pode tomar posição antes de estar provado que determinado funcionário seja corrupto.
1964	66	10/08	41	Herculano Rodrigues Naves	Comunica que a Comissão de vereadores pró-Escola Agrotécnica esteve no local das obras da referida escola. A Comissão foi recebida pelo diretor Dr. Eugênio Pimentel que deu informações satisfatórias sobre o andamento das obras da escola Agrotécnica. É preciso dar apoio a esse diretor. Solicitava ainda ao Sr. Presidente que marcasse uma data para que o Dr. Eugênio Pimentel pudesse comparecer ao Plenário da Câmara, a fim de fazer uma conferência sobre a Escola Agrotécnica.
1964	66	10/08	41	Urquiza Antônio de Faria Alvim	Dá apoio a campanha em prol do término das obras da Escola Agrotécnica. Necessário se faz formar técnicos em agricultura para a produção de alimentos baratos à população brasileira.
1964	67	15/09	04	Ataídes Tavares França	Fez uma indicação no sentido de que seja enviado um ofício ao Exmo Senhor Ministro da Fazenda, solicitando que libere a verba de vinte e cinco milhões de cruzeiros constante do orçamento da União para a Escola Agrotécnica.
1967	70	03/05	199	Antônio Carlos de Oliveira	Indicação pedindo que se envie ofício ao Ministro da Agricultura, Ivo Arzua, solicitando-lhe a imediata conclusão do Colégio Agrícola de Uberlândia, bem como a solicitação das máquinas.
1967	70	03/05	199	Darcy José dos Santos	Disse que dentro de poucos dias a construção do prédio do Colégio Agrícola estará concluída. Entretanto devemos votar a favor da indicação porque se refere também as máquinas e mobiliário.
1967	70	03/05	199	Jeová Abrão	Em declaração de voto, diz que votou contra porque o Ministro Rondon Pacheco está atento aos nossos problemas em Brasília e já tomou todas as providências para compra das máquinas e mobiliário do Colégio Agrícola de Uberlândia.
1969	75	28/04	144	Amir Cherulli	Foi com satisfação que soube através de entrevista concedida à Radio Cultura de Uberlândia, por professores que vão ministrar aulas na Escola Agrotécnica de Uberlândia, a partir de 2 de maio de 1969. Diz ser motivo de satisfação para os que militam na zona rural. Cita a necessidade que tem, a região, de técnicos especializados formados pela escola. Escola esta que se encontra localizada na fazenda das sementes. Na Escola ingressarão uns 60 alunos que terão seu tempo tomado nos segredos das técnicas agrícolas.

ANEXO



Universidade Federal de Uberlândia
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP

Avenida João Naves de Ávila, nº. 2160 - Bloco J - Campus Santa Mônica - Uberlândia-MG –

CEP 38400-089 - FONE/FAX (34) 3239-4131

e-mail: cep@propp.ufu.br; www.comissoes.propp.ufu.br

ANÁLISE FINAL Nº. 631/09 DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA PARA O PROTOCOLO REGISTRO CEP/UFU 257/09

Projeto Pesquisa: (RE) construindo a história do ensino profissionalizante em Uberlândia MG: Escola Agrotécnica Federal de Uberlândia (1957 a 1972).

Pesquisador Responsável: Sandra Cristina Fagundes Lima

De acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 196/96, o CEP manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa proposto.

O protocolo não apresenta problemas de ética nas condutas de pesquisa com seres humanos, nos limites da redação e da metodologia apresentadas.

O CEP/UFU lembra que:

a- segundo a Resolução 196/96, o pesquisador deverá arquivar por 5 anos o relatório da pesquisa e os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, assinados pelo sujeito de pesquisa.

b- poderá, por escolha aleatória, visitar o pesquisador para conferência do relatório e documentação pertinente ao projeto.

c- a aprovação do protocolo de pesquisa pelo CEP/UFU dá-se em decorrência do atendimento a Resolução 196/96/CNS, não implicando na qualidade científica do mesmo.

SITUAÇÃO: PROTOCOLO DE PESQUISA APROVADO

Data de entrega do relatório final: novembro de 2010.

O CEP/UFU LEMBRA QUE QUALQUER MUDANÇA NO PROTOCOLO DEVE SER INFORMADA IMEDIATAMENTE AO CEP PARA FINS DE ANÁLISE E APROVAÇÃO DA MESMA.

Uberlândia, 13 de novembro de 2009.

Profa. Dra. Sandra Terezinha de Farias Furtado
Coordenadora do CEP/UFU

Orientações ao pesquisador

- O sujeito da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (Res. CNS 196/96 - Item IV.1.f) e deve receber uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (Item IV.2.d).
- O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou (Res. CNS Item III.3.z), aguardando seu parecer, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade de regime oferecido a um dos grupos da pesquisa (Item V.3) que requeiram ação imediata.
- O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Res. CNS Item V.4). É papel de o pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – junto com seu posicionamento.
- Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Em caso de projetos do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma, junto com o parecer aprobatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial (Res. 251/97, item III.2.e). O prazo para entrega de relatório é de 120 dias após o término da execução prevista.